

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Curso de Design de Moda

Kathleen Karine Ferreira Poncio

ELKE

A MARAVILHA QUE SE ESCONDE

POR TRÁS DA FANTASIA

A dimensão política no figurino de Elke Maravilha
durante o período de Ditadura Militar no Brasil

UFMG

Belo Horizonte • 2022

Kathleen Karine Ferreira Poncio

ELKE, A MARAVILHA QUE SE ESCONDE POR TRÁS DA FANTASIA

A dimensão política no figurino de Elke Maravilha durante o período da Ditadura Militar no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design de Moda do Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio D'Almeida

Belo Horizonte

2022

Dedicatória

Durante toda a minha vida, eu ouvi de uma pessoa que nunca teve a oportunidade de estudar que se eu quisesse ser alguém na vida, seria através da minha força de vontade e do meu conhecimento. Essa pessoa é o meu avô, a figura paterna que sempre me incentivou a lutar pelo que acredito e que é o meu maior exemplo de ser humano.

Dedico este trabalho à minha família. À minha mãe e minha irmã, Euza e Larissa, que são a minha base e que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram na maioria de minhas escolhas. Aos meus avós, José Inácio e Ivailda, que, apesar de todas as adversidades, sempre me tiveram como uma filha. Aos meus tios, Elton, Ramilton, Hilda, Roberta, Lilian, Vânia e Andréia, que me dão toda a força necessária e que sempre estão dispostos a me ouvir. As minhas primas Raissa e Rayane, que são como luz na minha vida e que sempre foram como minhas irmãs.

Aos meus amigos. Ingredy, Fabrício, João Pedro, Sara, Thaís, Victor, Marcell, Luzia, Euller e Hagatha, que sempre estiveram ao meu lado e que nunca me deixaram desistir. Aos amigos que a UFMG me deu, Lorena, Wellington, Rodrigo, Marcela, Alice e Lídice, pessoas espetaculares que, assim como eu, acreditam na força de um curso como o Design de Moda. Ao Vinícius, que durante toda a nossa parceria fez o necessário para que esse projeto ganhasse forma.

Aos meus professores que me acompanharam durante toda a minha trajetória, em especial, ao meu orientador e mentor, o professor Tarécio D'Almeida, um profissional exemplar e que, apesar de todas as demandas do universo acadêmico, nunca deixou de me guiar por caminhos no qual acredito.

Àqueles que fizeram parte da vida de nossa saudosa Elke e que cederam um pouco de seu tempo através de conversas ou entrevistas, Sacha, Maurílio, Alexander e Renato, serei eternamente grata por terem trazido um pouquinho da presença de Elke e por terem acreditado na força deste projeto.

Enfim, à Elke Maravilha! Esta figura marcante que passei a conhecer melhor nos últimos anos e que tenho total admiração. Ter mergulhado em seu universo foi demasiadamente mágico e, por mais que não tenha tido a oportunidade de conhecê-la, a tenho em meu coração com muito carinho.

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso visa abordar, de uma forma geral, a dimensão política contida no figurino de Elke Maravilha durante o período da ditadura militar no Brasil através de análises de imagens, relatos obtidos em entrevistas e acontecimentos da época.

Elke Maravilha foi uma atriz, manequim, jurada e apresentadora famosa por sua opinião forte e seus figurinos extravagantes e repletos de referências culturais, místicas e religiosas. Tida por muitos como uma travesti, Elke nasceu para chocar e tinha plena consciência disso.

Para tanto, cabe, primeiramente, entender a trajetória de Elke Grunupp rumo à figura que o país inteiro conhece como Elke Maravilha. Em seguida, é apresentado um paralelo entre a ditadura militar no Brasil e a busca da estilista Zuzu Angel por seu filho Stuart, fatos que corroboraram para a prisão de Elke e antecederam sua estreia na TV aberta.

Apoiando-se no conceito moda protesto, torna-se de grande valia entender a relação existente entre moda e política e as mudanças drásticas ocorridas durante as décadas em que o regime militar imperava no Brasil.

Por fim, é exposta a importância da potência feminina que foi Elke Maravilha entre a moda e a política brasileira, a fim de decifrarmos o porquê de sua imagem ser tão singular e permear de tantas formas diferentes. Estes, entre outros, são alguns dos fatores relevantes na análise proposta.

Palavras-chave: Elke Maravilha; Ditadura Militar no Brasil; Moda & Política; Figurino

Abstract

This course completion work aims to address, in general, the political dimension contained in the costumes of Elke Maravilha during the period of the military dictatorship in Brazil through image analysis, reports obtained in interviews and events of the time.

Elke Maravilha was an actress, model, judge and presenter famous for her strong opinion and her extravagant costumes, full of cultural, mystical and religious references. Considered by many to be a transvestite, Elke was born to shock and was fully aware of it.

Therefore, it is first necessary to understand the trajectory of Elke Grunupp towards the figure that the entire country knows as Elke Maravilha. Then, a parallel is presented between the military dictatorship in Brazil and the search by stylist Zuzu Angel for her son, Stuart, facts that corroborated Elke's arrest and preceded his debut on open TV.

Based on the concept of protest fashion, it is of great value to understand the relationship between fashion and politics and the drastic changes that took place during the decades when the military regime ruled in Brazil.

Finally, the importance of the female power that was Elke Maravilha between Brazilian fashion and politics is exposed, in order to decipher why her image is so unique and permeates in so many different ways, these, among others, are some of the relevant factors in the proposed analysis.

Keywords: Elke Maravilha; Military dictatorship in Brazil; Fashion & Policy; Costume

Lista de Figuras

Figura 1. Um dos trabalhos de Elke Maravilha como modelo	12
Figura 2. Elke Maravilha – Coleção Helpless Angel	13
Figura 3. Elke como jurada no Show de Calouros	14
Figura 4. Elke para a revista Continuum do Itaú Cultural	15
Figura 5. Marcha da família com Deus pela Liberdade	18
Figura 6. Passeata dos Cem Mil	19
Figura 7. Pau de arara	20
Figura 8. Comício pelas eleições diretas na Praça da Sé	22
Figura 9. Zuzu Angel com os três filhos (Hildegard, Ana e Stuart0	23
Figura 10. Leila Diniz como Maria Alice em Todas as mulheres do mundo	24
Figura 11. Stuart Angel	25
Figura 12. International Dateline Collection III	27
Figura 13. Acidente que matou Zuzu Angel	29
Figura 14. Documentos da prisão de Elke	30
Figura 15. Boletim de ocorrência da prisão de Elke em 1972	31
Figura 16. Boletim de ocorrência da prisão de Elke em 1972	32
Figura 17. Elke Maravilha no programa do Chacrinha, na Rede Bandeirantes na década de 1970	44
Figura 18. Elke Maravilha com o cabeleireiro e amigo Silvinho	45
Figura 19. Elke Maravilha pelas lentes do fotógrafo David Zingg	46

Sumário

1	Introdução	09
2	Elke Maravilha, uma mulher à frente de seu tempo	11
3	Um retrato da Ditadura Militar no Brasil	17
	3.1 “Eu, Zuzu Angel, procuro o meu filho”	22
	3.2 A prisão de Elke Maravilha	30
4	Interrelação entre moda e política	35
	4.1 A moda durante a Ditadura Militar	39
5	Perseverança entre moda e figurino	41
6	Elke: potência entre moda e política	42
7	Considerações finais	48
8	Referências	50

1. Introdução

Pensar a personalidade emblemática de uma artista nascida na Rússia e naturalizada brasileira e como ela construiu uma carreira em que a imagem foi seu foco central e sobre a qual roncaram opções estéticas por um estilo único, constituído por figurinos e concepção de beleza que impactaram a moda, mas acima de tudo também dialogam expressões políticas com o ato de se vestir, ou seja, de se expressar com seu corpo e suas roupas é o mote dessa pesquisa.

Essa artista é Elke Maravilha. E quando se fala de Elke Maravilha, é impossível não citar a diversidade contida em seu vestuário, sua imagética e a forma como suas marcas registradas possuem grande importância para o figurino e moda brasileiros. Essa diversidade presente em suas idealizações de vestuário que serve como passaporte para compreendermos a relevância cultural e política do ideário estético ao se vestir. Vestir-se para Elke sempre funcionou como possibilidades de liberdades potencializadoras da alegria.

Suas volumosas perucas louras adotadas a partir do ano de 1972, além de acessórios de cabeça, botas de canos longos, colares, brincos e anéis exagerados, e sem esquecer do uso de maquiagens chamativas, refletiam sua personalidade e, de certa forma, gritavam ao mundo as causas pelas quais ela lutava.

Elke era extremamente diversa e sua vestimenta refletia isso. “Gosto de me inspirar na cultura africana antiga, misturo com Rússia, vikings, Egito, misturo com tudo e resulta em algo moderno” (Estadão, 2016)¹.

Essa pesquisa objetiva analisar, primeiramente, a dimensão política contida no figurino de Elke Maravilha durante o período da Ditadura Militar, que se protagonizou no Brasil durante o período de 1964 a 1985. Mas não podemos nos esquecer também da importância para o universo feminino e para a cultura brasileira, simultaneamente, o que a posicionou à frente do seu tempo de alguma forma.

¹ “Minha roupa é alma, é expressão” dizia Elke Maravilha. Giovana Romani – Especial para o Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://emais.estadao.com.br/noticias/moda-beleza,minha-roupa-e-alma-e-expressao-dizia-elke-maravilha,10000069803>>, acesso em: 30 de janeiro de 2022.

A interrelação moda & política está presente no desenvolvimento da pesquisa pois discutir sobre Elke e o Brasil dos anos 1970 não se pode deixar de discutir sobre Ditadura Militar, mas também sobre as potências criativas dos artistas durante esse período de cerceamento de liberdades de cidadão, sobretudo, como os artistas.

Contemporâneas, Elke e a estilista Zuzu Angel também desenvolveram suas parcerias estéticas de moda e política, pois ambas compartilhavam dos mesmos ideais de vida e convivência política em uma sociedade democrática. Muito provavelmente a palavra que serve para ilustrar e compreendermos essa interrelação seja “perseverança”, percebida tanto na Elke, ao lutar por sua liberdade da moda e figurino, como na Zuzu, ao lutar via moda contra a política ditatorial do Brasil dos 1970.

Pensando em criar um objeto imagético para ilustrar e contextualizar a relevância de Elke para a moda e figurino do Brasil, em um outro momento, o resultado da pesquisa aparecerá também em uma “exposição” imagética com ilustrações em forma de cartazes de protesto, com o intuito de introduzir o espectador a uma experiência acerca do figurino plural de Elke.

2. ELKE MARAVILHA, UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO

Elke Maravilha foi o nome artístico utilizado por Elke Georgievna Grunupp, filha de George Grunupp e Liezelotte Von Sonden, ela nasceu em 22 de fevereiro de 1945, e, apesar de declarar em diversas entrevistas que nasceu em Leningrado, atual São Petersburgo, localizada na Rússia, documentos encontrados pelo jornalista Chico Felitti (2021, pág. 15) durante a construção de seu livro biográfico intitulado Elke Mulher Maravilha apontam que, seu local de nascimento é Leutkirch, na Alemanha, “fato” questionável se levarmos em consideração que documentos podem ter sido forjados para facilitar a fuga de Elke e sua mãe, anos mais tarde.

Após sua prisão por um período que durou cerca de três anos em um campo russo na Sibéria por crimes contra o *stalinismo* soviético², George que fora um Masson de grau trinta e dois mudou-se com a família para uma fazenda em Itabira, no interior do estado de Minas Gerais, fazendo assim, com que sua filha Ilga perdesse sua cidadania russa e passasse a se chamar Elke, por um erro de tradução (FELITTI, 2021, pág. 19).

Apixonada por culturas e seus mais diversos dialetos, mesmo com pouca idade, Elke já falava nove idiomas, graças ao incentivo de seu pai: russo, português, alemão, italiano, espanhol, francês, inglês, grego e latim e, em 1965, se tornou a mais jovem professora de francês da *Aliança Francesa* e de inglês na União Cultural Brasil – Estados Unidos. Além de professora, trabalhou, também, como secretária bilíngue, bibliotecária e bancária, além de ter cursado alguns períodos de medicina.

Dona de muitos talentos, sua altura (1,77 cm) e sua beleza exótica despertavam atenção por onde passava o que fez com que Eduardo Couri, “o principal colunista social da capital mineira” a convidasse para participar do concurso *Glamour Girl*, “que elegia a jovem mais glamurosa da capital mineira”, concurso esse que, de certa forma, serviu como um pontapé inicial na carreira de Elke, que mesmo com apenas 17 anos já carregava o título de campeã de 1962 e tinha seu nome permeando de forma ainda tímida entre alguns jornais da época.

² Regime totalitário liderado por Josef Stalin, entre 1927 e 1953, na União Soviética. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/governo-stalin.htm>>, acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

Anos mais tarde, em 1969, o estilista Guilherme Guimarães aceitou a proposta de uma desconhecida para trabalhar como sua *manequim*³ de moda. Depois de investidas de seu primeiro marido, o grego Alexandros Evremidis, Elke criou coragem e foi até a porta do apartamento onde residia o estilista, “um dia, na redação da *Manchete*, ele descobriu que (...) o estilista mais famoso do Rio de Janeiro, preparava um desfile. E chegou em casa dizendo: ‘Elke você vai desfilar pro Guimarães.’ Alexandros conseguiu o endereço do estilista com um colega de redação, e numa tarde de quinta foi com Elke até a porta do prédio” (FELITTI, 2021, p.44).

Figura 1. Um dos trabalhos de Elke Maravilha como modelo



Fonte: Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/famosos/elke-maravilha-muito-mais-que-uma-mulher-extravagante/>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Apesar de nunca ter desfilado antes, Elke “tomou uma decisão que carregaria para a vida. ‘Sabe de uma coisa? Eu vou ser eu mesma’. (...) Elke se rebelou. Mexeu os músculos do rosto e abriu um sorriso. Gargalhou. ‘Aquiló era uma revolução. Modelo fazendo cara de vida’” (FELITTI, 2021, p. 45).

³ Manequim é uma profissão onde a pessoa que a exerce estará de certa forma fazendo o empréstimo do corpo ou da imagem para ser usado na promoção de um produto ou marca. O papel do manequim não é necessariamente aparecer, mas servir de base para o destaque do item anunciado. Disponível em: <<https://www.guiatrabalho.com.br/profissao-de-manequim.html>>, acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

Figura 2. Elke Maravilha - Coleção *Helpless Angel*, 1972, Acervo Instituto Zuzu Angel



Fonte: Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/moda-e-beleza/minha-roupa-e-alma-e-expressao-elke-maravilha-e-a-mae-da-lady-gaga-que-vivia-no-brasil/>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Não demorou muito para que ela caísse na graça de grandes costureiros e estilistas da época, entre eles, Clodovil, Dener e Zuzu Angel. Segundo Chico Felitti (2021, p. 47) “Os estilistas aproveitavam o personagem exótico de Elke. Ela era modelo de si mesma”. O autor completa dizendo que:

Clodovil, por exemplo, passou anos bolando looks que fizessem sentido para Elke. Num dos desfiles, Clodovil pôs na passarela modelos usando vestidos longos de tafetá e de seda, com o rosto branco como mulheres da corte. Elke entrou na passarela com uma sombrinha de renda, ao estilo de uma dama vitoriana, e o rosto inteiro pintado de *blush* vermelho. (FELITTI, 2021, p. 47)

Apesar de sua paixão por línguas, Elke optou por cursar cinema e teatro e, no decorrer dos anos, fez diversas participações em telenovelas e produções cinematográficas, entre elas, o filme *O Barão de Otelo no barato dos bilhões*⁴ (1971), uma das várias produções de Grande Otelo, que se encontra entre os maiores nomes no entretenimento brasileiro do século XX.

⁴ Longa metragem de comédia dirigido por Miguel Borges e produzido no Rio de Janeiro em 1971. Sinopse: O industrial e play-boy Carvalhais ensina João-Sem-Direção, empregado em um posto de gasolina, a ganhar dinheiro na loteria esportiva. Milionário, João é obrigado a fugir da fama. Nem um alquimista nem o ambiente da alta sociedade, dominado por Maria-Vai-Com-As-Outras, lhe fornecem a solução. A industrialização de inventos, sugerida por Carvalhais, esbarra num trio sinistro que representa a organização, o público e o mercado. João resolve viver numa ilha onde recebe os amigos nos fins de semana e onde todos se comportam como querem. Disponível em: <<http://bases.cinamateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=024650&format=detailed.pft>>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

Em 1972, foi convidada para estrelar como jurada no programa *Buzina do Chacrinha*, na *Rede Bandeirantes*, em seguida, no *Cassino do Chacrinha*, na *Rede Globo*, onde permaneceu até o ano de 1986. O *Buzina do Chacrinha* era um dos líderes de audiência da TV aberta na década de 1970 e foi responsável por marcar toda uma geração através de bordões inesquecíveis utilizados pelo apresentador Abelardo Barbosa, que ganhou o apelido carinhoso “painho” de sua jurada e amiga, Elke. Para o jornalista Zuenir Ventura (1988, p. 89), o programa trazia a “descoberta de um universo de deboche sacrílego e destrutivo”.

Tido como um dos primeiros programas de calouros em solo brasileiro, a atração contava, também, com a exibição de mulheres que eram vistas como os maiores ícones sensuais da época e que foram batizadas por Chacrinha de “chacretes”. Um dos quadros mais marcantes e importantes do programa era o *Trono dos Lançamentos*, que revelou grandes nomes e grupos do cenário musical brasileiro, entre eles, Raul Gil, Fundo de quintal, Genival Lacerda, Gilliard, Guilherme Arantes, José Augusto, Gretchen, Kid Abelha, Lulu Santos, Ney Matogrosso e mais uma infinidade de nomes.

Figura 3. Elke como jurada no Show de Calouros, 1979, Acervo O Estadão



Fonte: Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/fotos/geral/elke-maravilha,620856>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Elke Maravilha firmou de vez o seu sucesso na bancada de jurados do *Show de Calouros* (figura 3), a atração tinha como apresentador Silvio Santos e se manteve no ar por mais de vinte anos, sendo exibido no *Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)*, emissora na qual ela estreou seu

próprio programa em 1993, o *Programa da Elke*, que, apesar da grande audiência, foi retirado do ar após a exibição de um casamento homoafetivo, um verdadeiro marco na história audiovisual do Brasil. De acordo com Felitti, ela disse em entrevista à revista IstoÉ Gente em 2006:

Ninguém me deu explicações, mas tenho duas hipóteses. Quando eu dava três, quatro pontos de ibope, estava bom. Quando subiu pra picos de quinze, tiraram do ar. Não sei qual o problema deles com o ibope. Mas a verdade é que o programa saiu do ar no dia seguinte ao que coloquei um casamento gay no ar. (FELITTI, 2021, p.155)

Dona de uma personalidade muito forte e de um desejo incansável de gritar suas verdades para o mundo, Elke Maravilha foi símbolo de lutas feministas e dos leprosos, madrinha dos presidiários, do movimento *LGBT* e da *Associação das Prostitutas do Rio de Janeiro*. Seu olhar e atuação política, portanto, se esquadriinhavam pela diversidade e discriminados.

Figura 4. Elke para a revista *Continuum* do Itaú Cultural, 2011, Daryan Dornelles



Fonte: Disponível em: <<https://issuu.com/itaucultural/docs/continuum31/24>>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

Elke faleceu aos 71 anos, em 16 de agosto de 2016, no Rio de Janeiro, devido a uma síndrome de disfunção de múltiplos órgãos causados por uma úlcera, Chico Felitti (2021) salienta que: “a úlcera de Elke causou um rompimento interno de seus órgãos. O conteúdo do trato digestivo se espalhou pelo corpo”. Mesmo após sua morte, a artista ainda é conhecida como uma das figuras mais memoráveis da moda e entretenimento brasileiros e, até os seus

últimos de vida, fez jus ao nome artístico dado pelo jornalista Daniel Más, “Maravilha” mostrando a maravilha que existe por trás de viver a vida como ela deve ser vivida e de nunca se esconder por medo do que os outros vão achar.

3. UM RETRATO DA DITURA MILITAR NO BRASIL

A Ditadura Militar no Brasil ocorreu entre os anos de 1964 e 1985 e se instaurou após um golpe de Estado, ocorrido durante o governo do então presidente João Goulart, que tomou posse após a renúncia de Jânio Quadros (Jango).

Revolução pressupõe mudanças na estrutura da sociedade, por exemplo, quando as transformações políticas e econômicas colocam uma nova classe no poder. O governo de João Goulart não pleiteava isso: queria reformar as instituições, melhorar a vida de certas camadas da população e viabilizar alguns processos de emancipação da economia brasileira. Não tinha a intenção de quebrar, nem mesmo de leve, a hierarquia de classes. Foi um governo com um projeto reformista. (CHIAVENATO, 1994, p. 07)

Tais acontecimentos foram à chave para que o golpe ocorresse; Goulart pedia a participação popular [...] as forças armadas queriam defender o Congresso. O general Castelo Branco fez circular um manifesto entre os oficiais, preparando o exército (CHIAVENATO, 1994, p.20).

Segundo Júlio José Chiavenato (1994), “é de extrema importância à realização de um resumo cronológico para um melhor entendimento dos fatos que antecederam a tomada efetiva do poder pelos militares através de um Golpe de Estado”.

- 25/08/1961: Renúncia de Jânio Quadros
- 27/08/1961: Brizola anuncia a resistência e mobiliza o povo gaúcho
- 28/08/1961: Militares vetam a posse de João Goulart
- 02/09/1961: O congresso aprova o parlamentarismo; Goulart concorda
- 07/09/1961: Posse de João Goulart
- 06/01/1963: Revogado o parlamentarismo; volta o presidencialismo
- 13/03/1964: Comício das Reformas de Base
- 19/03/1964: Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo
- 20/03/1964: Castelo Branco distribui circular aos oficiais
- 31/03/1964: Tropas do IV Exército partem de Juiz de Fora (MG)
- 01/04/1964: Kruel, do II Exército (SP), adere ao golpe
- 02/04/1964: João Goulart sai do país e asila-se no Uruguai
- 03/04/1964: Os Estados Unidos reconhecem o “novo governo”, antes de ele formar-se

- 09/04/1964: Promulgado o Ato Institucional nº 1; 10/04/1964: Primeira lista de políticos e personalidades cassados
- 11/04/1964: Castelo Branco torna-se presidente do Brasil

Figura 5. Marcha da família com Deus pela Liberdade, 1964, Gustavo Machado da Costa



Fonte: Disponível em: <<https://forum.outerspace.com.br/index.php?threads/solto-molusco-condenado-a-12-anos-stf-ja-soltou.464077/page-468>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Durante os quase vinte e um anos de ditadura, um verdadeiro caos foi instaurado e a população se viu refém de uma publicidade ditatorial realizada, principalmente, pelas grandes emissoras de TV da época, que televisionavam os acontecimentos de uma forma pretensiosa.

Os cidadãos brasileiros tornaram-se subalternos dentro de suas próprias residências, que poderiam ser invadidas, a qualquer momento, por militares cegos de poder, atrás de qualquer indício de “traição à pátria”.

A ordem era a seguinte: “A nação perde, as elites ganham!”. Como consequência da má gestão militar:

Uma entidade internacional, a *World Population*, apurou que, em 1979, morriam 52 crianças por hora (1.248 por dia) no Brasil. Entre as crianças de até cinco anos, 52,4% dos óbitos foram provocados pela desnutrição. Combinando-se a desnutrição com causas infecciosas, o índice sobrepõe para 60,9%. Em 1975, o total de mortes por complicações no parto ou gravidez malconduzida - quando se aliam fome, doenças e falta de higiene - era nove vezes maior no Brasil do que nos países desenvolvidos. Os dados sobre a miséria nacional são fartos e provêm de órgãos do governo brasileiro e entidades internacionais. Tudo isso acontecia em pleno tempo do "milagre". Mas as atenções estavam voltadas para o projeto econômico, que, associando subserviência ao capital externo e atendendo às necessidades da Doutrina de Segurança Nacional, pretendia a criação de um Estado-potência. O governo tinha informações sobre as condições subumanas em que vivia o povo. O IBGE registrou em 1981 que 70% da

população não comia o necessário e reconhecia, oficialmente, a existência de 71 milhões de subnutridos no Brasil. (CHIAVENATO, 1994, p. 96)

Além disso, a ditadura foi responsável, por destruir a economia, institucionalizar a corrupção e, principalmente, fez da tortura uma prática política de opressão e repressão. Provenientes do surgimento do governo militar, em contrapartida, surgiram os grupos de militância que iam às ruas protestar diariamente, pedindo o direito à democracia e às diretas já.

Diversos artistas e jornalistas brasileiros, calados pela censura, realizavam manobras para que suas composições e artigos jornalísticos levassem à população menos informada o que realmente ocorria nos porões militares.

Figura 6. Passeata dos Cem Mil, 1968, Evandro Teixeira



Fonte: Disponível em: <<https://idd.org.br/iconografia/passeata-do-cem-mil-2/#materia>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

O governo logo anunciou guerra e deixou claro o movimento de agressão à cultura, algo totalmente claro nesta declaração do Coronel Darcy Lázaro, em 1968, citado por Chiavenato (1994, p. 102), que ficou conhecido após comandar o ataque à *Universidade de Brasília* (UnB): “se esta história de cultura vai nos atrapalhar a endireitar o Brasil vamos acabar com a cultura durante trinta anos”.

Prisões, torturas e arbitrariedades eram as principais marcas do governo militar que, em 1969, inaugurou salas especiais que contavam com cadeiras e camas eletrificadas, *paus de arara*⁵, *cadeira do dragão*⁶ e diversos outros métodos de tortura.

Figura 7. Pau de arara



Fonte: Disponível em: <<https://www.direitoshumanosbr.org.br/casosexemplares.html>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Paralelamente, aprimoraram-se os meios legais e os tribunais que encobriam a tortura. Médicos e legistas apresentavam os violentados como indivíduos gozando de plena saúde e os assassinados na tortura como vítimas de morte natural. “Os cadáveres que não podiam ser escondidos apareciam em terrenos baldios ou eram sepultados anonimamente ou, ainda, informava-se que haviam morrido atropelados” (CHIAVENATO, 1994, p. 125).

Neste mesmo período, salienta Chiavenato (1994) “Dan Mitrione, permaneceu bastante conhecido. Ele sequestrava mendigos nas ruas de Belo Horizonte e os levava aos quartéis para servirem de cobaia: torturava-se para ensinar a policiais e militares brasileiros os princípios da tortura”.

⁵ Objeto usado para punir escravos e, recentemente, opositores da Ditadura Militar. O torturado é pendurado pelos joelhos em uma barra horizontal, com as mãos amarradas junto às canelas. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-as-piores-torturas-com-cordas-e-barras/>>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

⁶ Era uma espécie de cadeira elétrica, com assento, apoio de braços e espaldar de metal onde um indivíduo era colocado e amarrado aos pulsos por cintas de couro. Eram amarrados fios em suas orelhas, língua, em seus órgãos genitais (enfiado na uretra), dedos dos pés e seios (no caso de mulheres). As pernas eram afastadas para trás por uma travessa de madeira que fazia com que a cada espasmo causado pelo choque elétrico sua perna batesse violentamente contra a travessa de madeira causando ferimentos profundos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cadeira_do_drag%C3%A3o>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

Atualmente, é possível encontrar diversos relatos de vítimas que tiveram seus membros amputados, que receberam a introdução de líquidos via anal ou que sofreram estupros e abortos dentro das dependências militares. Existem, também, múltiplos relatos de crianças que foram torturadas com o único intuito de induzir confissões de seus respectivos pais.

Abaixo, um relato de Dulce Maia realizado em 2014. Dulce é ex militante da *Vanguarda Popular Revolucionária* e era produtora cultural quando foi presa na madrugada de 26 de janeiro de 1969, em São Paulo:

Muitos deles vinham assistir para aprender a torturar. E lá estava eu, uma mulher franzina no meio daqueles homens alucinados, que quase babavam. Hoje, eu ainda vejo a cara dessas pessoas, são lembranças muito fortes. Eu vejo a cara do estuprador. Era uma cara redonda. Era um homem gordo, que me dava choques na vagina e dizia: “Você vai parir eletricidade”. Depois disso, me estuprou ali mesmo. Levei muitos murros, pontapés, passei por um corredor polonês. Fiquei um tempão amarradanum banco, com cabeça solta e levando choques nos dedos dos pés e das mãos. Para aumentar a carga dos choques, eles usavam uma televisão, mudando de canal, telefone, velas acesas, agulhas e pingos de água no nariz, que é o único trauma que permaneceu até hoje. Em todas as vezes em que eu era pendurada, eu ficava nua, amarrada pelos pés, de cabeça para baixo, enquanto davam choques na minha vagina, boca, língua, olhos, narinas. Tinha um bastão com dois pontinhos que eles punham muito nos seios. E jogavam água para o choque ficar mais forte, além de muita porrada. O estupro foi nos primeiros dias, o que foi terrível para mim. Eu tinha de lutar muito para continuar resistindo. Felizmente, eu consegui. Só que eu não perco a imagem do homem. É uma cena ainda muito presente. Depois do estupro, houve uma pequena trégua, porque eu estava desfalecida. Eles tinham aplicado uma injeção de pentotal, que chamavam de soro da verdade, e eu estava muito zonza. Eles tiveram muito ódio de mim porque diziam que eu era macho de agüentar. Perguntavam quem era meu professor de ioga, porque, como eu estava agüentando muito a tortura, na cabeça deles eu devia fazer ioga. Me tratavam de puta, ordinária. Me tratavam como uma pessoa completamente desumana. Eu também os enfrentei muito. Com certa tranqüilidade, eu dizia que eles eram seres anormais, que faziam parte de uma engrenagem podre. Eu me sentia fortalecida com isso, me achava com a moral mais alta. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal2/2970/tortura-durante-a-ditadura-relato-de-dulce-maia/>>, acesso em 11 de novembro de 2021.

O fim da ditadura brasileira ocorreu a partir de um processo de abertura política gerado em 1981 no governo do até então, presidente Ernesto Geisel, que tinha, como principal intuito, estreitar relações com a população em potencial. Porém, esse processo de tom democrático escondia, na realidade, certo controle por parte dos militares que defendiam a todo custo à permanência do regime.

Uma verdadeira crise econômica se instalava naquele momento, e estudantes e trabalhadores de todas as regiões do país viram, ali, a oportunidade de derrubar o Estado.

Nascia, então, a revogação do AI-5⁷ e o decreto de Anistia⁸, o que possibilitou a criação de novos partidos, entre eles, o *Partido dos Trabalhadores* (PT), o *Partido do Movimento Democrático Brasileiro* (PMDB), o *Partido Democrático Social* (PDS), o *Partido Democrático Trabalhista* (PDT) e, por fim, o *Partido Trabalhista Brasileiro* (PTB).

Figura 8. Comício pelas eleições diretas na Praça da Sé, em 25 de janeiro de 1984



Fonte: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/personalidades-relemboram-30-anos-do-movimento-diretas-ja-11405544>>, acessado em 10 de fevereiro de 2021.

Tal fracasso se consolidou somente no final de 1984, durante o governo de João Figueiredo. O movimento vindo das ruas clamava por Diretas Já, o que possibilitaria a escolha de um governante através de voto democrático, o que só aconteceu em 1985, quando Tancredo Neves chegou ao poder ao lado de José Sarney e deram ao fim à ditadura militar no Brasil.

3.1 “Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho”

Zuleika Angel Jones (1921-1976), mais conhecida como Zuzu Angel, foi uma estilista mineira de grande renome no século XX. Nascida em Curvelo (MG), possuía grandes objetivos, o que a levou a abandonar sua profissão de taquígrafa, começando, em seguida, sua carreira no

⁷ Publicado em 1968, o Ato Institucional 5 (AI-5) foi um dos 17 atos institucionais aplicados pela ditadura militar no Brasil. A norma resultou no fechamento do Congresso Nacional e das assembleias legislativas dos estados, permitiu a cassação de mais 170 mandados legislativos, instituiu a censura prévia da imprensa e de produções artísticas e deu ao presidente a possibilidade de intervenção nos estados e municípios. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/10/31/entenda-o-que-foi-o-ai-5-ato-ditatorial-defendido-por-eduardo-bolsonaro>>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

⁸ A palavra tem origem no grego amnestia, que significa esquecimento. Juridicamente o termo é usado para identificar aqueles atos do Estado que implicam perdão de condutas reprováveis. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/anistia-politica/>>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

mundo da moda, trabalhando como costureira de forma improvisada em sua própria residência, localizada em Ipanema, no Rio de Janeiro (RJ).

Apesar de costurar, inicialmente, para a sua própria família, em 1957 a estilista ficou conhecida por confeccionar, de forma artesanal, peças inspiradas no *New Look* de Dior e que atendiam, principalmente, as mulheres da alta sociedade da época. Isto ocorreu por intermédio de uma de suas tias, que era amiga de Sarah Kubitschek, esposa do ex presidente Juscelino Kubitschek, colocando-a, assim, entre os grandes nomes da moda naquele período, como os já consolidados Clodovil Hernandez e Dener Pamplona.

Suas primeiras saias eram feitas com os tecidos presenteados pelo marido, os quais eram comprados durante suas viagens de trabalho. As saias eram confeccionadas com modelagem tipo guarda-chuva e enfeitadas com fitas de gorgorão, galões, botões ou laçarotes. Em seguida, começou a confeccioná-las com zuarte (tecido utilizado na confecção de colchões), comprados nas lojas Pernambucanas. “Com a ampliação da clientela, passou a ser chamadas de “Zuzu saias”. (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 249).

Zuzu dividia seu tempo entre o trabalho e a criação de seus três filhos, Hildegard, Ana Cristina e Stuart, frutos do casamento com o americano Norman Angel Jones que aconteceu em 1943 e chegou ao fim em meados de 1960. Segundo a própria estilista, o marido a “abandonou para se dedicar a um orfanato em seu país natal”.

Figura 9. Zuzu Angel com os três filhos (Hildegard, Ana e Stuart), Acervo Instituto Zuzu Angel



Fonte: Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/20/para-filha-negar-o-assassinato-de-zuzu-angel-e-crime-contra-a-memoria-do-pais>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Após sua separação, a estilista alavanca voos mais altos, adquiriu uma casa em Ipanema, Rio de Janeiro, aonde pôde ampliar seu ateliê e contratar alguns funcionários. “Neste período,

surgiram muitos ateliês de garagem criados por mulheres que queriam trabalhar sem sair de casa, tal como Zuzu”. Em 1966, Zuzu ganha notoriedade perante a mídia após a realização de seu primeiro desfile, tal como citam Borges, Monteleone e Debom:

Nesse contexto, em 1966, Zuzu Angel lança uma coleção de roupas no II Salão de Moda da Feira Brasileira do Atlântico, denominada Fashion and Freedom. O desfile contou com 30 modelos e foi apresentado no Pavilhão de São Cristóvão, do Rio de Janeiro, proporcionando à estilista destaque na imprensa. Zuzu Angel definiu as roupas dessa coleção como a representação da “liberdade de movimento, de assumir o próprio corpo ou o próprio busto”, insurgindo-se contra os padrões de beleza da época, impostos às mulheres por instituições, tais como a tradicional escola Socila. É um prenúncio de sua intenção de se lançar no mercado internacional, sobretudo no norte-americano, pois, conforme Hildegard Angel, sua mãe “sempre teve o sonho de fazer a América”. (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 252)

Enquanto Zuzu dava grandes saltos em sua vida profissional, o país vivia o auge da chamada “operação limpeza”, promovida pelo governo militar e voltada “sobretudo, contra sindicalistas, políticos e militares ligados ao governo deposto, quando milhares de pessoas foram presas irregularmente, sem ordem judicial” BORGES, MONTELEONE E DEBOM (2019), ao mesmo tempo, os programas musicais embalados pelo tropicalismo ganhavam cada vez mais espaço na televisão, o que propiciou uma nova forma de consumo de moda entre os jovens brasileiros.

Figura 10. Leila Diniz como Maria Alice em Todas as mulheres do mundo



Fonte: Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/serie-todas-as-mulheres-do-mundo-celebra-domingos-oliveira-e-sua-obra-em-12-capitulos,629f1e84b53de38fe0d0f7df19c8a99au6ntoqkd.html>>, acesso em 25 de julho de 2021.

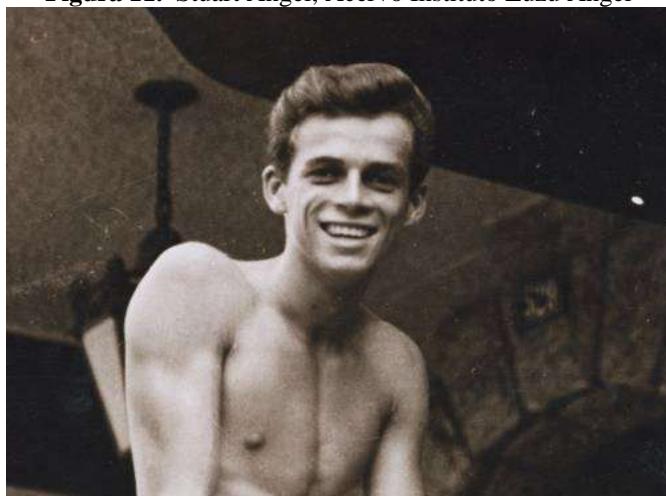
Embalada pelo comportamento da juventude, ainda na década de 1960, Zuzu começa a atuar como figurinista “desenhando as roupas de algumas das atrizes do filme *Todas as mulheres do mundo*, de Domingos Oliveira” (BORGES, MONTELEONE E DEBOM, 2019, p. 255) que trazia como protagonista a atriz e revolucionária feminina Leila Diniz (figura 10), conhecida como a defensora do amor livre e o prazer sexual. A obra contava, também, com a participação de suas duas filhas, Hildegard e Ana Cristina. A partir de então, Zuzu passou a desenvolver figurinos para diversas peças teatrais.

Tendo como clientes algumas personalidades internacionais, como as atrizes Joan Crawford e Kim Novak, Zuzu começava a ganhar notoriedade em solo americano, mas sem perder sua essência nacionalista e sua fama entre as primeiras damas brasileiras. Tal feito fez com que ela se tornasse a única mulher latino-americana a integrar o *Fashion Group*, de acordo com Borges, Monteleone e Debom:

Uma prestigiosa organização fundada por mulheres na cidade de Nova York em 1928, com o objetivo de promover o desenvolvimento profissional e o reconhecimento das conquistas femininas na indústria da moda, ela compôs, também, o *Internacional Council of Women*,(...) a estilista coloca em questão os padrões de gênero que regiam a sociedade, manifestando sua simpatia pelo movimento feminista. (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 259).

Zuzu, que passou a criar roupas com “maior liberdade” e a adentrar cada vez mais no mercado americano, viu sua vida mudar em 1971, após receber a notícia de que seu filho Stuart Edgar Angel Jones, de codinome Paulo, militante do *Movimento Revolucionário 8 de Outubro*, havia sido preso no Rio de Janeiro sob a acusação de sequestro e assalto a um embaixador americano e sendo levado, em seguida, para a Base Aérea do Galeão, informações jamais confirmadas pelo governo brasileiro.

Figura 11. Stuart Angel, Acervo Instituto Zuzu Angel



Fonte: Disponível em: <<http://www.zuzuangel.com.br/dist/search-results.html>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Como retratado no filme *Zuzu Angel*⁹, “a partir do momento em que Zuzu recebeu a ligação, informando sobre a prisão do filho, passou a buscar informações sobre o que poderia ter acontecido, e exigia o direito de poder ao menos sepultá-lo”.

Segundo relato realizado através de uma carta datada de 23 de maio de 1972 pelo colega de cela de Stuart, Alex Polari de Alverga, conforme citado por Virgínia Valli (1986), Stuart havia sido brutalmente torturado na noite de 14 de maio do mesmo ano nas dependências do *Centro de Informação da Segurança da Aeronáutica* (CISA) e acabou falecendo no dia seguinte, após ter tido sua boca presa ao escapamento de uma viatura, que o arrastou por um pátio durante vários minutos. Seu corpo foi desovado de forma misteriosa e seus restos mortais nunca foram encontrados,

(...) No mesmo dia, 14 de maio, os interrogatórios prosseguiram com as idas e vindas da sala de tortura. Antes, durante a tarde, ouvi durante muito tempo um grande alvoroço no pátio do CISA. Havia barulho de carros sendo ligados, acelerações, gritos, perguntas e uma tosse constante de engasgo e que pude notar que se sucedia sempre às acelerações. Conseguí com muito esforço, devido à minha situação física olhar pela janela que ficava a uns dois metros do chão e me deparei com algo difícil de esquecer. Junto a um sem número de torturadores, oficiais e soldados, Stuart, já com a pele semi-esfolada, era arrastado de um lado para outro do pátio, amarrado a uma viatura e, de quando em quando, obrigado, com a boca quase colada a uma descarga aberta, a aspirar gases tóxicos que eram expelidos. Essa era a causa da tosse que, misturada à voz de Stuart e à dos torturadores, eu tinha ouvido durante toda a tarde. Tudo isso ante as chacotas e risos dos torturadores. Essa fase durou praticamente até quase escurecer. Ao anoitecer houve um grande reboliço e montaram uma operação às pressas, onde diziam aos gritos que iam "pegar gente quente" etc.

À noite alguém foi colocado numa cela ao lado da minha. Esse alguém estava em um estado precário e pude ver pelo postigo da porta se tratar de Stuart. Tossia a mesma tosse angustiante que ouvira durante toda a tarde. Distingui e reconheci-o também pela voz. Três frases dele se repetiam sempre: "Água", "Vou morrer", "Estou ficando louco". De noite o coronel Muniz e o cel. Alcântara, entre outros, inclusive um enfermeiro, depois de passarem em toda as celas, pararam na de Stuart. Alguém lhe disse "Deixe de frescura, Paulo, vou te dar uma injeção, você não vai morrer ainda não". A tosse aumentou, as frases se tornaram ininteligíveis e depois cessaram por completo. De madrugada, quase ao amanhecer, houve grande ruído de vozes, alvoroço e imprecações. Abriram a cela e retiraram de lá Stuart inerte, certamente já morto. Foi na madrugada de 14 para 15 de maio que provavelmente ele veio a falecer. Logo depois ainda captei frases soltas por parte da guarda, que mesmo na gíria própria dos torturadores, tinham um sentido inequívoco: 'Virou presunto', Entrou na Vanguarda Popular Celestial', 'Mais comida de peixe na Restinga de Marambaia'. Esta última corrobora uma série de boatos sobre o destino de grande parte dos assassinados, que seriam transportados de helicóptero até a Restinga de Marambaia (área militar) e de lá lançados em alto mar. (VALLI, 1986, p. 155).

⁹ Longa metragem estreado em 2006 sob a direção de Sérgio Rezende.

Sinopse: Os anos 70 viram o mundo de pernas pro ar. No Brasil, a carreira de Zuzu Angel como estilista começa a deslanchar enquanto seu filho Stuart ingressa no movimento estudantil, contrário à ditadura militar então vigente no país. Stuart é preso, torturado e assassinado pelos agentes do Centro de informações de Aeronáutica, sendo dado como desaparecido político. Inicia-se então o périplo de Zuzu, denunciando as torturas e morte de seu filho. Disponível em: <<https://www.looke.com.br/filmes/zuzu-angel>>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

Apesar de toda busca protagonizada por Zuzu Angel, que se mostrou incansável até seu último dia de vida, Stuart, que já era tido como falecido pela família foi levado diversas vezes a julgamento por *crime de subversão*¹⁰, o que só aumentava a dor dos entes queridos, que nunca mais tiveram notícias do jovem.

Tendo tido todas as suas tentativas de encontrar o seu primogênito em vão, Zuzu fez da moda um “estandarte” contra a ditadura, denunciando as arbitrariedades praticadas à imprensa e a órgãos internacionais, realizando o que foi considerado o primeiro desfile político da história, o *International Dateline Collection III* (Coleção Internacional Dateline), que ocorreu no *Consulado Brasileiro* em Nova York, em 1971, uma continuação de seu famoso desfile de mesmo nome, mas de número dois.

Figura 12. *International Dateline Collection III*, 1971, Acervo Instituto Zuzu Angel



Fonte: Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/zuzu-angel/>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

O desfile foi dividido em duas seções e contava com peças que continham elementos bordados que “refletiam o excesso de poder dos militares nas ruas, através de tanques de guerra, pássaros engaiolados e anjos amordaçados que além de denunciar os crimes mais comuns da época, representavam Stuart”. (MOUTINHO e VALENÇA, 2000, p. 277)

Atenta à importância dos símbolos, os bordados de suas roupas remetiam à tortura, à dor da perda e ao trauma pelo filho desaparecido. A impossibilidade de realizar o luto a levam a bordar os tecidos, onde tenta “costurar” a ferida aberta pela ausência do corpo e de informações do filho, na tentativa de cicatrizá-la. Os anjos bordados

¹⁰ É uma revolta contra a ordem social, política e econômica estabelecida vigente. Pode manifestar-se tanto sob a forma de uma oposição aberta e declarada, como sob a forma de uma oposição sutil e prolongada. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Subvers%C3%A3o#:~:text=Subvers%C3%A3o%20\(do%20termo%20latino%20subversione,uma%20oposi%C3%A7%C3%A3o%20util%20e%20prolongada.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subvers%C3%A3o#:~:text=Subvers%C3%A3o%20(do%20termo%20latino%20subversione,uma%20oposi%C3%A7%C3%A3o%20util%20e%20prolongada.)>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

deixam de ser adornos para se transformar na própria substância de suas roupas. Dali por diante, o anjo se torna a identidade visual de sua marca, algo inovador para a época no Brasil. Sempre que a ocasião permitisse fazer a denúncia, ela usava o traje negro como protesto e símbolo de seu direito ao luto. (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 272).

Conforme retratado no filme *Zuzu Angel*, de Sérgio Rezende (2006) o espetáculo foi finalizado com a entrada da estilista mineira trajando luto, de forma silenciosa, e carregando consigo a imagem de Stuart. “A estilista apareceu com um vestido longo negro, preso por um cinto com 100 crucifixos e um grande lenço negro amarrado ao pescoço do qual prendia um anjo de porcelana, simbolizando o desejo de realizar o luto pelo filho desaparecido.”.

A Revista *Cláudia*, citada por Maria Rita Moutinho e Maslova Teixeira Valença (2000, p. 277), reconhece que, até aquele momento, a coleção protesto de Zuzu (Figura 12) foi a primeira e única na história da moda,

Zuzu não vacilou em bordar tanques, pássaros aprisionados, anjos mutilados e manchas de sangue sobre vestidos de gaze verde-amarelo. Criados para um desfile na residência do cônsul brasileiro em Nova York, esses vestidos transformaram o que seria apenas a abertura de uma temporada no primeiro e ao que saiba, único desfile político da história da moda. A repercussão foi mundial. (MOUTINHO & VALENÇA, 2000, p. 277).

“Em meio a essa busca obstinada pelo filho, Zuzu Angel continua sua carreira internacional como estilista, dando uma guinada em direção a uma nova maneira de expressar a situação política do Brasil” (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 269). Elke Maravilha, por sua vez, relatou, em 2006, para o site *O Fuxico* que fazia diversos alertas à amiga sobre o perigo que ela corria. “Eu falava: Zuzu, você vai ser morta. E ela respondia: já me mataram desde que sumiram com o meu filho”.

Apesar de toda a dor causada pela perda do filho, Zuzu jamais deixou de produzir. Realizou vários outros desfiles e seguiu com o seu intuito de escancarar as barbaridades que ocorriam no Brasil. Em 1972 o nome de Zuzu apareceu no *Fashion Calender* ao lado de Givenchy, Dior e Saint Laurent. A famosa publicação semanal listava os eventos de moda e apresentava ao grande público os “queridinhos” do mundo *fashion*. No ano seguinte, ocorreu a inauguração de sua loja no Leblon. Lá era possível encontrar diversas de suas marcas registradas entre os itens de decoração, como anjos estampados que simbolizavam Stuart, por exemplo.

Em 1973, Zuzu Angel lançou a coleção *International Dateline Collection V* no Brasil. Denominada *Contemporary Classic*, esta versão contou com a presença da modelo Elke Maravilha, que ao desfilar, jogava almofadas estampadas com anjos no colo da plateia. No *press release*, a estilista se defendia com humor das críticas que a acusavam de sofrer demasiada influência estrangeira. Dizem que Zuzu anda americanizada, por isso ela dá uma de brasileira: lança no mercado brasileiro a sua nova Coleção (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 274).

Sinônimo de sucesso no exterior, Zuzu Angel utilizou de sua arte como uma verdadeira campanha voltada à divulgação do desaparecimento de seu filho:

Ela enviou a denúncia a diversos órgãos e instituições nacionais e internacionais, tais como o Conselho de Defesa da Pessoa Humana (CDDPH), no qual o criminalista Heleno Fragoso requereu uma investigação sobre o desaparecimento de Stuart. A *mater dolorosa* acompanhou, em Brasília, a sessão na qual o requerimento foi apresentado; ocasião em que Pedroso Horta, representante do MDB no Conselho, exortou o ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, a investigar o caso.

As respostas às requisições de informação solicitadas pelos parentes de Stuart nos Estados Unidos eram truncadas e davam conta de que ele estava “foragido”. Mas as pressões foram de tal monta que levaram o governo a fazer remanejamentos nos centros de tortura, a fim de preparar a viagem de Medici aos EUA, em dezembro de 1971. A destituição do ministro da Aeronáutica, Márcio de Souza e Mello, o afastamento e posterior reforma do brigadeiro João Paulo Burnier do comando da 3º Zona Aérea ocorreram devido aos protestos pelo desaparecimento de Stuart. Medici ainda exonerou e reformou o chefe do CISA, o brigadeiro Afonso Dellamora.

O senador Edward Kennedy, evocando a dupla cidadania de Stuart, levou o caso à tribuna do Senado dos EUA. O deputado Richard Nolan enviou cartas a Henry Kissinger, então Secretário de Estado dos EUA, ao secretário geral da ONU e ao embaixador do Brasil nos EUA. Mais tarde, seis congressistas norte-americanos exigiram do governo brasileiro uma resposta. As pressões continuaram e cogitou-se o corte da ajuda militar ao Brasil (BORGES, MONTELEONE e DEBOM, 2019, p. 275).

Figura 13. Acidente que matou Zuzu Angel, 1976, Otávio Magalhães.



Fonte: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/as-imagens-do-acidente-que-matou-zuzu-angel-13387084>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Zuzu Angel faleceu no ano de 1976 em um, até então, considerado acidente automobilístico ocorrido na saída do túnel Dois Irmãos, que foi batizado “Túnel Zuzu Angel”, em sua homenagem, em São Conrado, Rio de Janeiro (RJ).

Somente em 1998, a *Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos* reconheceu que sua morte havia sido causada pelo regime militar. Segundo alguns depoimentos, “ela teria sido jogada para fora da pista por um carro pilotado por agentes da repressão”.

3.2 A prisão de Elke Maravilha

Mesmo com os boatos de que Stuart já havia sido assassinado, a justiça brasileira continuou o considerando como foragido e chegou a anexar centenas de cartazes em diversos estados o procurando por crimes contra a pátria.

Elke Maravilha e Hildegard Angel realizavam uma viagem para o Rio de Janeiro, onde divulgariam o filme *O Barão de Otelo no barato dos bilhões* do diretor Miguel Borges, no *Programa do Sílvio Santos (SBT)*.

Ao chegarem ao Aeroporto Santos Dummont, no Rio de Janeiro (RJ), depararam-se com dezenas de cartazes de indivíduos procurados, anexados a uma coluna e, entre as fotos, o rosto de Stuart Angel encontrava-se estampado. Elke, em um ato impulsivo, rasgou todos os cartazes, sendo presa em seguida sob a acusação de Violação da Lei de Segurança Nacional.

Figura 14. Documentos da prisão de Elke, 1972, Direitos reservados aos arquivos da ditadura

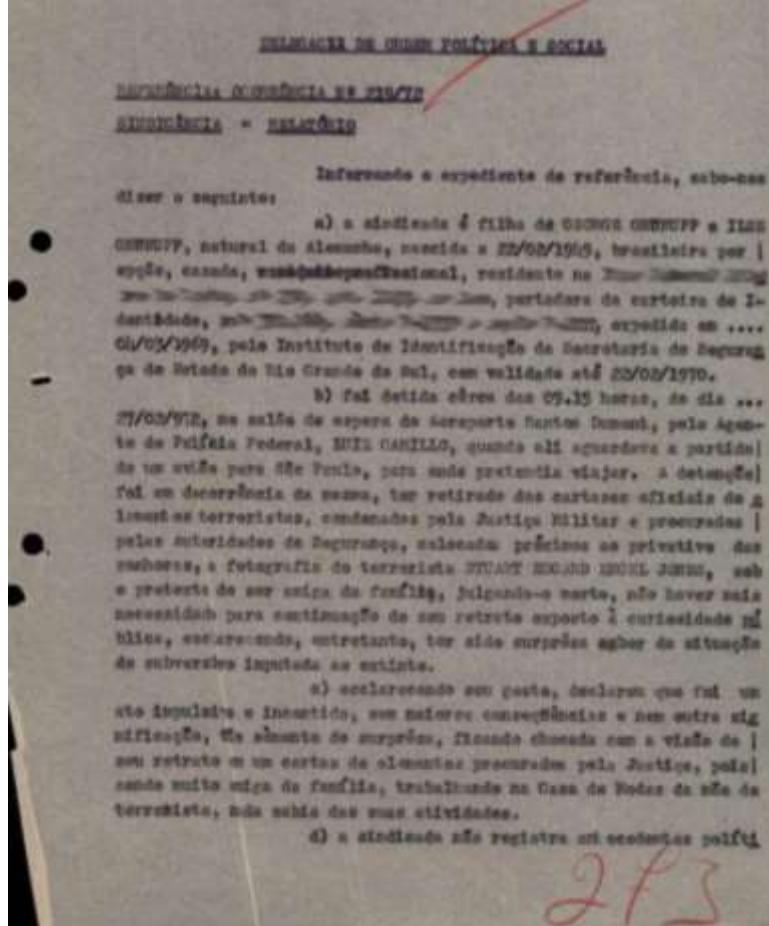


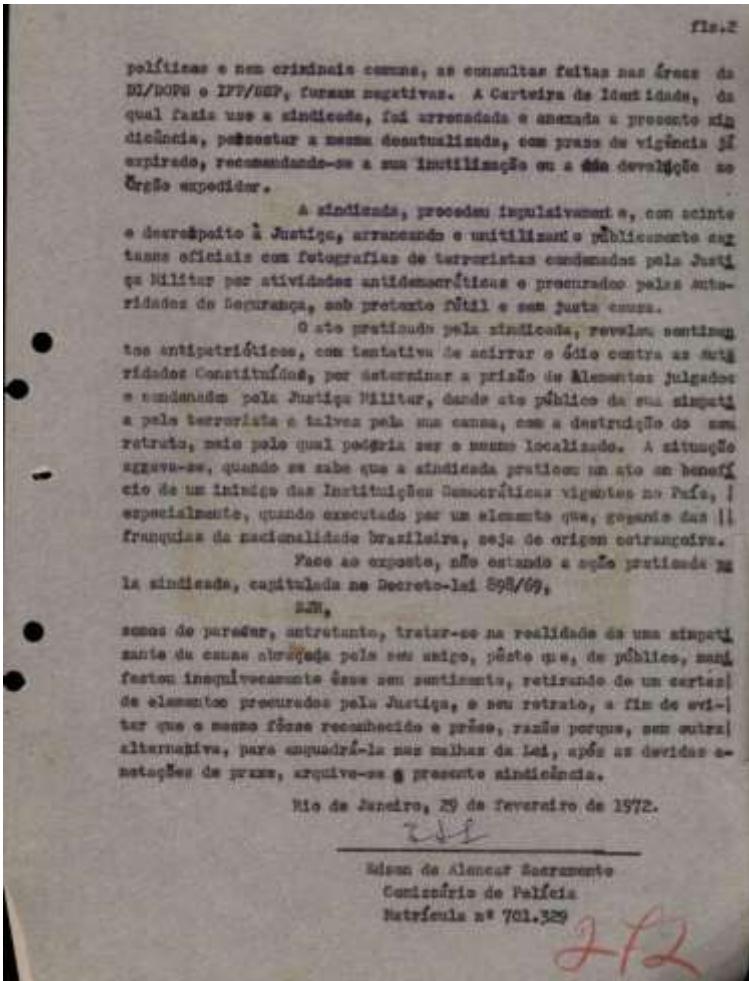
Fonte: Disponível em: < <https://documentosrevelados.com.br/elke-maravilha-desafiou-a-ditadura-militar-aos-denunciar-os-desaparecimentos-politicos/>>, acesso em 10 de fevereiro de 2021.

O Boletim de Ocorrência (BO) realizado no dia 29 de fevereiro de 1972 assinado pelo Comissário da Polícia Civil do Rio de Janeiro Edson de Alencar Sacramento sob a matrícula 701.329 aponta que:

A sindicada procedeu impulsivamente e, com acinte a desrespeito à Justiça, arrancando e unitilizando publicamente cartazes oficiais com fotografias de terroristas condenados pela Justiça Militar por atividades antidemocráticas e procurados pelas Autoridades de Segurança, sob pretexto fútil e sem justa causa. O ato praticado pela sindicada, revelou sentimentos antipatrióticos, com tentativa de acirrar o ódio contra as Autoridades Constituídas, por determinar a prisão de elementos julgados e condenados pela Justiça Militar, dando ato público da sua simpatia pelo terrorista e talvez pela sua causa, com a destruição de seu retrato, meio pelo qual poderia ser o mesmo localizado. A situação agrava-se, quando se sabe que a sindicada praticou um ato em benefício de um inimigo das Instituições Democráticas vigentes, no País, especialmente, quando executado por um elemento quem gozando das franquias da nacionalidade brasileira, seja de origem estrangeira. Face ao exposto, não estando a ação praticada pela sindicada, capitulada no Decreto-lei 898/69, SJN, somos do parecer, entretanto, pelo seu amigo, poste que, de público, manifestou inequivocamente esse seu sentimento, retirando de um cartaz de elementos procurados pela Justiça, e seu retrato, a fim de evitar que o mesmo fosse reconhecido e preso, razão porque, sem outra alternativa, para enquadrá-la nas malhas da Lei, após as devidas anotações de praxe, arquiva-se a presente sindicância.

Figura 15 e 16. Boletim de ocorrência da prisão de Elke em 1972, Direitos reservados aos arquivos da ditadura





Fonte: Disponível em: <<https://agenciasportlight.com.br/index.php/2019/04/02/sobre-stuart-angel-a-nota-do-flamengo-e-uma-breve-historia-de-elke-maravilha-republicada/>>, acesso em 28 de outubro de 2021.

De acordo com o site *Documentos Revelados* (2009)¹¹, que é responsável por catalogar documentos sobre a Ditadura Militar que ocorreu no Brasil:

O cinismo do processo de Elke, de 29 de fevereiro de 1972, alega-se que o ato dela poderia “prejudicar a localização de Stuart”. Como se não soubessem que Stuart morrera torturado barbaramente nas dependências da *Base Aérea do Galeão* em 14 de junho de 1971. Arrastado por um carro com a boca pendurada ao cano de descarga.

Elke Maravilha, naquele momento, se colocou como irmã de Stuart, tomindo, inclusive, as dores de sua família, que apesar de todo cansaço, nunca desistiu de encontrá-lo. Chico Felliti (2019, p.52) expõe em seu livro a seguinte fala de Elke, “Eu via o rosto dele em todo lugar, e aquilo começou a me tomar, começou a me irritar. Eles procuravam um morto, naquela farsa, fingindo que não tinham assassinado o Stuart. Uma farsa muito cruel para todos nós”.

¹¹ Elke Maravilha desafiou a ditadura militar ao denunciar os “desaparecimentos políticos” – Documentos Revelados. Disponível em: <<https://documentosrevelados.com.br/elke-maravilha-desafiou-a-ditadura-militar-ao-denunciar-os-desaparecimentos-politicos/>>, acesso em 30 de janeiro de 2022.

Contudo, Elke utilizou de seu estilo, ainda em processo de transição, como uma forma de lidar com os militares, o que traz um questionamento sobre a importância da vestimenta como ferramenta de protesto político, sabendo que, a atitude de Elke, por si só, já deve ser considerada política, apesar de alguns de seus amigos considerarem o episódio como algo pontual em sua trajetória.

Uma contrabandista adiantou o que aconteceria com a novata: Elke seria interrogada ainda naquele dia, 27 de fevereiro. E ela pôde se preparar para a entrevista. “Eu não podia fazer sentido. E arrasei”. Pegou o lápis verde de olho e borrou as pálpebras até o meio da testa. Fez com o batom uma boca como a do Coringa, do Batman. Usou outro batom como ruge. Chegou à sala de interrogatório, onde oito homens a esperavam, com o que chamava de “cara de louca varrida”. Perguntaram por que ela havia rasgado o cartaz. Ela respondeu que conhecia Stuart porque era modelo famosa (FELITTI, 2021, p. 56).

Abaixo, algumas anotações de Zuzu direcionadas à Elke, citadas por Valli,

Essa Elke Maravilha é mesmo maravilhosa. O Brasil precisava de muitas Elkes. Quando essa ditadura teve a ideia de mandar imprimir aqueles milhares de cartazes e espalhar por aí, com fotos dos "criminosos" nossos filhos, poucos tiveram a coragem de falar a verdade e dizer que isto aqui era mesmo uma farsa escabrosa. E Elke foi uma que não aguentou. Todo mundo estava cansado de saber que meu filho fora assassinado no CISA. E eles mandaram imprimir essa barbaridade para enganar os brasileiros que estavam ignorantes de tudo.

Procura-se. Ajude a proteger a sua vida e a de seus familiares. Avise a polícia. Estes dizeres com as fotos dos nossos filhos, muitos deles desaparecidos, isto é, mortos. Mandaram afixar esses cartazes pelo Brasil afora. Muita gente viu lá pelo interior. Tudo uma mentira, pelo menos o meu filho já estava morto desde 71, assassinado pelos burniês. Não estou falando pelos outros, como a Norma Sá Pereira, que nem sei onde anda, se morreu ou não. Elke, assim que chegou ao aeroporto Santos Dumont e viu lá o tal cartaz, não teve dúvida, meteu a mão e rasgou bem na frente de todo mundo. Foi imediatamente presa, porque junto a cada cartaz há sempre um esbirro do SNI. Ela ainda disse muitos desafetos para a ditadura, como "vocês o mataram". Abriu a mala, começou a se despir e a se maquiar, com grande exagero. Eles tiveram medo de ficar com essa doida nas dependências policiais e imediatamente a libertaram. Ainda bem que demos boas risadas. Porque senão era mais uma vítima para a gente chorar (VALLI, 1986, p. 104).

Elke Maravilha relatou em 2014, no evento *“Em torno de Zuzu – Encontros Sobre Moda, Criação e Política”* ocorrido na Ocupação Zuzu que contava também com participação de Hildegard Angel que:

Eu fui dá (sic!) meu depoimento, aí joguei minha bolsa de maquiagem, peguei um lápis verde e o passei nos olhos, passei batom até o queixo, usei meu cabelo bem cheio. Eu tinha um diabinho que fazia ‘fucfuc’ e o apertava enquanto oito homens me interrogavam. Me fiz de burra, quando eles pensavam que eu era uma coisa, eu já era outra. Não vão saber me engavetar. Teve uma hora que eu até levei uma porrada, mas eu mereci. Eu dizia às merdas que eu tenho vão aparecer e as que eu não tenho vocês vão inventar.

Elke foi libertada seis dias depois e sempre alegava, em entrevistas e documentários, que acreditava que o motivo de sua soltura tenha se dado porque a consideraram louca. “Eu

falei para o delegado Noronha: aqui eu não podia ser normal, se não eles iriam me levar” (Elke Maravilha, 2014). Ainda, de acordo com Felitti,

É impossível dizer se Elke foi solta por causa do personagem que interpretou durante a semana presa, em que ainda promoveu um chá dançante com as presas, se sua libertação passou pela influência do cônsul alemão e do delegado amigo que se responsabilizou por ela, ou se o regime constatou que ela não era uma subversiva. Mas o fato é que seis dias depois de ter sido presa no aeroporto Santos Dumont, Elke foi libertada (FELITTI, 2021, p. 58).

Como consequência de sua prisão, Elke perdeu sua nacionalidade brasileira, se tornando apátrida e se naturalizando, em seguida, como alemã, o que só se tornou possível pela nacionalidade de sua mãe, Liezelotte.

Apesar de ter protagonizado um momento importante na luta contra a opressão militar, Elke nunca se considerou uma ativista política, chegando a declarar no programa *De frente com Gabi* (SBT)¹² que “Tudo que fiz foi por paixão. Meu pai me ensinou a sempre lutar contra o medo”.

Sobre as manifestações que ocorriam na época, Elke afirmou também que “É pouco pela merda que se instalou [...] um país que não investe em instrução não sabe o preço da ignorância” (Elke Maravilha, 2013).

¹² Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2013 com Elke Maravilha no programa De Frente com Gabi, apresentado pela jornalista Marília Gabriela no SBT. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EyjqaIXnxo>>, acesso em 18 de outubro de 2021.

4. INTERRELAÇÃO ENTRE MODA E POLÍTICA

Muito mais do que uma forma de expressão individual, adorno ou proteção, a vestimenta, desde os primórdios, é uma das principais “ferramentas” de convívio, poder, comunicação e aceitação social. Aponta Barnard (2003) que:

Diariamente tomamos decisões sobre o status e o papel social das pessoas que encontramos, baseados no que elas estão vestindo: tratamos suas roupas como “hieróglifos sociais”, para usar o termo de Marx, que escondem, mesmo quando comunicam, a posição social daqueles que as vestem (BARNARD, 2003, p. 24).

Assim como os demais aspectos históricos, a roupa, neste contexto, ao encadear o corpo biológico com o ser social, permite um estudo mais aprofundado acerca de um determinado período. Andrzejewski (2012, p. 139) denota que a “História encontra na moda uma linguagem distinta e significativa que traduz expectativas e disputas fundamentais para a existência do indivíduo ou do grupo social. A moda é estruturadora de histórias. Identifica e qualifica os envolvidos”.

A moda, por sua vez, vai muito além daquilo que é apresentado nas passarelas ou nas diversas lojas e *boutiques*¹³ espalhadas por todo o mundo. Ela estabelece uma relação direta com o novo e parte de uma compreensão composta por simbologias, linguagens, gêneros, ideologias, etnias e, até mesmo, classes sociais. Sendo assim, “a moda e a indumentária são, portanto, profundamente políticas, como o foram em meio aos processos pelos quais essas desigualdades têm sido mantidas, ou reproduzidas, de uma geração para outra” (BARNARD, 2003, p. 19).

Vestir-se extrapola uma ação. Ao escolhermos uma roupa, podemos, sim, optar pelo conforto, mas diversos fatores são levados em consideração, como o gosto pessoal, crença, sexualidade, representatividade e, acima de tudo, o olhar do outro, Malcolm Barnard (2003, p. 15) cita Oscar Wilde, que por sua vez, afirmava que, “só um tolo não julgaria pelas aparências”. No entanto, reafirma que, “a moda como identidade, produz a crença no pertencimento, na legitimidade da diferença e na crença do que é específico e diferente”.

¹³ Loja que se dedica ao comércio de artigos requintados, roupas finas, joias ou bijuterias nacionais e importadas. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/boutique/>>, acesso em 21 de fevereiro de 2021.

A moda, até certo ponto, é coletiva, ela parte da influência das grandes massas, adquirindo, assim, certo discurso padronizado, uma espécie de indicador, o que acarreta naquilo que é chamado de tendência. Mas, acima de tudo, ela possibilita o reconhecimento entre os indivíduos e grupos sociais, interferindo, muitas vezes, em nossa capacidade de expressão. “Ao tornar-se pública, ao ganhar as ruas, ela pode ser partilhada por outros grupos ou sofre uma releitura. A moda converte / opera / valoriza uma distância entre os sujeitos, e ao realizar tais processos ela significa e ressignifica os sentidos (relacionais)” (ANDRZEJEWSKI, 2012, p. 6).

Carol Barreto (2015), ao analisar a moda e aparência como ativismo político, traz reflexões e questionamentos pertinentes quanto à relação entre a moda e a política:

Através da reflexão teórico-prática acerca das relações entre moda, aparência e ativismo político, venho analisando de que maneira nosso pertencimento étnico-racial, caracteres de gênero e sexualidades, são anunciados na aparência e questiono se não seria esta mesma um elemento marcador? Tais características podem ser dissociadas da aparência? Assim, buscando compreender como a construção da aparência elaborase em intersecção com os marcadores sociais da diferença, interrogo: de que modo a aparência emana agenciamento político? Que corporalidades, intervenções estéticas e gestual, nesse conjunto imaterial e intangível de elaboração da aparência, podem ser compreendidos como ativismo político nos corpos e no design de moda? (BARRETO, 2015, p. 02).

Cada indivíduo traz um pouco de sua trajetória pessoal ao se vestir. Diante disso, torna-se possível interpretar as técnicas e discursos que compõem a elaboração da aparência,

Compreendendo a construção da exterioridade como processo criativo individual, análogo aos processos criativos em design de moda, como uma esfera comunicacional que une público e privado, pensamento político e aparência, desterritorializando e expandindo as fronteiras do ativismo político e da existência dos ‘Gêneros Inconformes’ (VERGUEIRO, 2012, p. 07, *apud* BARRETO, 2015, p. 53).

O vestir, por si só, é um ato político e, apesar de estar presente em todas as esferas de nossa sociedade, pouco se fala sobre a relação entre moda e política e de sua importância na construção humana, principalmente, mediante ao patriarcado e aos padrões impostos, que, muitas vezes, se mostram inalcançáveis. Malcolm Barnard (2003, p. 172), ao citar Mulvey, expõe que “as mulheres são simplesmente para serem olhadas: elas desempenham o que se chama de um ‘papel exibicionista tradicional’ para o papel *voyeurístico* do homem”.

Somos bombardeados diariamente por campanhas publicitárias que tratam a magreza, cabelos lisos, olhos claros e a sexualidade excessiva como padrões a serem seguidos. Em busca da perfeição, tornam-se comuns relatos de pessoas que se submeteram a procedimentos cirúrgicos e/ou estéticos como uma forma de aceitação perante a sociedade.

Uma pesquisa divulgada pela *Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS)* em dezembro de 2019 constatou que o Brasil é o país em que mais são realizadas cirurgias plásticas de teor estético. Segundo o levantamento, realizado em 2018, foram registradas mais de um milhão e 498 mil cirurgias plásticas estéticas em nosso país, além de mais de 969 mil procedimentos estéticos não-cirúrgicos.

Intervenções como o aumento mamário através da introdução de próteses de silicone, a lipoaspiração em regiões como abdômen, coxas, costas e braços e a rinoplastia aparecem como as primeiras no ranking.

Além das consequências derivadas pelos padrões estéticos, cabe, também, frisar as limitações de gênero geradas pela moda durante muitos anos, algo que vem sendo contornado através de passos curtos com o surgimento do conceito *no gender* (sem gênero).

Judith Butler (2003, p. 59) afirma que o gênero “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

Ao falarmos sobre gênero, é de extrema importância abranger as pessoas transgênero e travestis, já que a vestimenta possui papel fundamental em suas construções. Barreto (2015) aponta que:

Os estudos sobre pessoas Trans* no Brasil algumas vezes contribuíram com indagações sobre o corpo ou a roupa e sua centralidade nas expressões de gênero e sexualidade, mas quando fizeram recortaram as análises sem a perspectiva das interseccionalidades. Nesse campo, a pesquisadora Berenice Bento, no seu livro ‘A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual’, publicado em 2006, traz no capítulo ‘A estética dos gêneros’ uma discussão sobre a linguagem da roupa e da estética corporal, desenhando um pouco dessa indagação sobre a materialização do gênero na aparência. Hélio R. S. Silva traz uma breve noção de corpo-moda ao relatar as mudanças corporais das travestis quando publica ‘Travestis, entre o espelho e a rua’ em 2007. Alguns trabalhos que dialogaram com pessoas transgênero, como o livro ‘Montagens e desmontagens - desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes.’ de Tiago Duque publicado em 2011, tratam a roupa num caráter descritivo, como elemento de composição dessas performances, mas limitando-se à sua funcionalidade ou à sua expressividade artística, o que ocorre de modo semelhante nas análises sobre cossdresses, drag queens e drag kings, como no livro de Anna Paula Vencatto: “Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil” de 2012 (BARRETO, 2015, p. 04).

Desse modo, cabe afirmar que a moda é binária e apesar de possuir um lugar estratégico no imaginário social, não só acolhem os corpos fora dos padrões de gênero, ela é capaz, também, de abraçar a individualidade e nós transformar em seres únicos e políticos.

Para um transgênero, por exemplo, muitas vezes, sua busca pela identidade começa no ato de se vestir. Para uma *drag queen*, o vestir ganha um tom de fantasia, e compõe sua expressão artística.

Assim, refletir sobre a elaboração da aparência de pessoas como um corpo-moda, também se trata de legitimar existências para além das estratégias de patologização do biopoder médico ainda vigentes. Pensar em corpo como algo além da prescrição da natureza pode ser muito potente no sentido de articular esse campo teórico multidisciplinar, uma vez que há uma diversidade de corpos e estéticas entre as pessoas negras, indígenas, cisgênero, trans*, heterossexuais ou homossexuais, cuja diversidade muitas vezes não é visibilizada em pesquisas que simplificam as vivências de sujeitos integrantes de grupos minoritários em representatividade. Assim, notando a aparência como um espelhamento das construções culturais, sociais e midiáticas, pensando cada corpo trajado como feição do seu grupo de pertença, cujas representações mais ou menos recorrentes lhes conferirão imagens de autoridade ou de subalternidade. Portanto, como elemento constitutivo das formas de produção e reprodução de conhecimento, considero a moda e o corpo como elementos indissociáveis na sociabilidade ocidental urbana contemporânea e dessa maneira, em busca do estudo dessa linguagem, é imprescindível compreender a relevância de se abrir um debate para a multiplicidade de referências artísticas e políticas nesse campo dentro da perspectiva do que chamarei de Processos Criativos Pós-coloniais (BARRETO, 2015, p. 08).

A moda se entrelaça a pautas subjetivas e desperta a identificação entre seres, mas em contrapartida, traz à tona diversas problemáticas, entre elas, acerca das desigualdades sociais, como aponta Barreto ao citar Derrida:

Partindo dessa argumentação sobre as relações entre moda, subjetividade, identidade e estilo compreendem os marcadores sociais das diferenças como discursos que também são materializados na linguagem da aparência e na corporalidade das pessoas e assim aspectos como gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, acessibilidade e geração, como pontua Guacira Louro (1997), não somente operam como elementos de identificação, mas articulam-se às matrizes produtoras das desigualdades. Assim, numa proposta de análise desses discursos, considerando a moda como um suplemento ao corpo (DERRIDA, 2000, p. 177) e à materialidade do gênero em suas várias posicionalidades, busco compreendê-la como espaço de concretização dos marcadores sociais das diferenças (DERRIDA *apud* BARRETO, 2015, p. 5).

A moda carrega um discurso de prestígio social e “caracteriza uma intervenção que organiza e hierarquiza o mundo e as relações sociais”. Ela expõe a linguagem de uma época e de certa forma, materializa a essência daqueles que a utilizam como um retrato de seu caráter ou de sua posição social, conforme cita Rainho,

A roupa é um dos mais importantes produtos da moda, seu domínio arquétipo, e encama ostensivamente o ritmo de suas mudanças. Quanto à moda, com seus movimentos, suas tendências e em sua frequente renovação, constrói uma teia que combina tecnologia e mudanças culturais, políticas e econômicas desvelando não só os comportamentos individuais, mas sobretudo, os comportamentos dos sujeitos coletivos e das estruturas sociais (RAINHO, 2014, p. 25).

A moda encaminha a mudança nos grupos e indivíduos e ir contra os padrões independente de quaisquer vertentes vai muito além de um “desvio ou rebeldia”, trata-se de um ato de resistência. A moda “faz política quando instaura a ameaça permanente do novo nas formas, nos materiais, nos desejos, nas linguagens e no comportamento” (ANDRZEJEWSKI, 2012).

4.1 A moda durante a ditadura militar

As décadas de 1960 e 1970 ficaram marcadas para sempre na história do Brasil, não só pelas mudanças políticas, mas, também, pelos resquícios gerados pelo movimento feminista, que chegava de forma tímida em nosso território.

A discussão entre as jovens universitárias sobre o amor extrapolava a retórica. Oprimida pelos padrões de uma sociedade machista, a mulher brasileira iniciava a relação de seus desejos íntimos, que começaram a ultrapassar os anseios burgueses herdados da geração anterior de ter um marido, uma casa, filhos bonitos e estabilidade financeira. A necessidade de uma participação ativa na construção do mundo, a implantação da justiça e a discussão do prazer ligado à sua própria sexualidade começaram a ocupar espaço em alguns imaginários femininos da época (FARIA, 1997, p. 33).

Na década de 1960, pela primeira vez as mulheres abrem sozinhas, contas bancárias começam a comprar a crédito sem precisar da autorização dos maridos, trabalham fora, ocupam cargos no Legislativo, fazem passeatas, são presas por suas atividades políticas e invadem as universidades, embora ainda permaneça muito marcante durante toda a década, o papel de esposa e mãe como principais espaços sociais femininos (FARIA, 1997, p. 86).

A moda, assim como as mulheres, se encontrava em processo de mutação. O conservadorismo, presente desde então, dava espaço à liberdade “o mocassim sob medida era substituído pelas sandálias franciscanas e pelos tênis, que facilitavam a correria nas passeatas. Os vestidos evasês e as meias arrastão considerados o protótipo da caretice, conviviam com as minissaias de brim” (RODRIGUES *apud* MOUTINHO e VALENÇA, 2000, p. 223).

Pela primeira vez na história, eram os jovens que ditavam o que deveria ser usado,

As roupas eram as dos jovens de todo o mundo: minissaias, calças saint-tropez com o umbigo de fora, boca-de-sino ou com uma perna de uma cor e outra de cor diferente, camisas de cores e tecidos brilhantes e golas grandes como as de Elvis Presley. Como complemento, usavam-se botinhas, correntes grossas no pescoço, pulseiras e o famoso anel Brucutu.

Uns se vestem dentro do pop art, minissaia, meia arrastão, botas, bijuterias exageradas, cílios postiços com delineador, batons quase brancos e cabelos lisos ou, ainda, com laquê, em coques exagerados. No outro grupo, as roupas típicas dos guerrilheiros e dos estudantes universitários: calças e camisas cáqui ou verde-oliva, sapatões de couro rústico, boinas Che Guevara, ausência de artifícios, cabelos escorridos e uma elaborada aparência de descuido. Algumas mulheres que tinham cabelos crespos passavam horas na tentativa de alisá-los (MOUTINHO e VALENÇA, 2000, pp. 224-226).

Aprofundando-se a situação política presente no período, pode-se afirmar que a repressão culminou uma verdadeira ruptura na moda, resultando-se em um novo estilo de vida e consumo, “aqui a vestimenta adquire um sentido ideológico fala mais claramente por aquele que a utiliza e se torna símbolo de uma dignidade política” (GUMBRECHT *apud* RAINHO, 2014, p. 32).

O autor Zuenir Ventura (1988, p. 87) argumenta que “fazia-se tudo achando que se estava fazendo política... do sexo às orações, passando pela própria moda, que, durante pelo menos uma estação de 68, foi militar: as roupas militarizaram a cor e o corte das fardas e das túnicas dos guerrilheiros”.

A moda sempre acompanha e demarca de alguma forma os momentos históricos, quando nos aprofundamos em assuntos como a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, percebemos que ela não só nos permite identificar o período através de registros imagéticos, mas, que acima de tudo, ela serviu como objeto de mutação ao propiciar a maneira como as pessoas deveriam se vestir com a escassez de algumas matérias-primas naquele período.

Durante o regime no Brasil, os jovens estavam sim “saindo de suas bolhas” conservadoras, ainda assim, era necessária muita coragem para se ir contra o sistema, talvez, isso explique o porquê dessas mudanças terem sido adotadas, inicialmente, por aqueles que naquele momento lutavam contra o momento atual do país.

5. PERSEVERANÇA ENTRE MODA E FIGURINO

As interrelações entre moda e figurino são recorrentes; e uma pode influenciar a outra e vice-versa. Quando tratamos de uma personalidade artística como Elke Maravilha a fronteira entre a moda e o figurino ocorria e demarcava não somente a artista, mas uma estética do ato político de se vestir que (de)marcada culturalmente, mas também de forma de presentificação e códigos visuais via roupas que ilustram a força que estas exercem no corpo de uma artista como a Elke.

A palavra figurino ainda é amplamente utilizada por muitos como uma forma de nominar trajes utilizados somente no teatro, televisão, cinema, publicidade ou no universo cenográfico. Já no dicionário, seus significados estão associados com desenhos de moda e até mesmo, revistas.

Figurino nada mais é do que a definição de representação e comunicação. Na moda “verdades” são ditas e refletidas de formas sociais e culturais, já no figurino, realidades podem ser criadas e trabalhadas a fim de contar uma história, seja sobre um personagem ou sobre a personalidade de alguém, como é o caso da Elke, por exemplo.

Francisleth Battisti em seu artigo concebido para o “Primeiro Encontro Paranaense de Moda, Design e Negócios” frisa que:

Para se fazer figurino é necessário buscar um tempo e um lugar para se traduzir essa estória social para cada indivíduo nela inserido. O próprio homem teve que descobrir que poderia representar sua personalidade por meio da roupa. Entretanto, antes disso ele teve que entender quem era esse eu da roupa, teve que se descobrir. Precisou estudar a sua própria existência como indivíduo dentro de uma sociedade específica, que poderia moldá-lo ou não (BATTISTI, 2009, p. 1).

Sendo assim, a principal atribuição de um figurino é gerar uma espécie de encanto no espectador e fazer com que o mesmo, sinta vontade de fazer parte daquele mundo de alguma forma, assim como a moda, quando a tratamos de forma comercial e a utilizamos como ferramenta medidora de status.

6. ELKE: POTÊNCIA FEMININA ENTRE MODA E POLÍTICA

Elke Maravilha começou a se vestir e se maquiar de uma forma diferente em 1969. Para ela, isso era uma forma de lutar contra o que é imposto pela sociedade, que exige que as pessoas se vistam de uma forma totalmente previsível, impedindo, assim, que elas exponham suas verdadeiras essências. Rosane Preciosa (2007, p. 47) denota que, “é preciso ter coragem para resistir à tentação de não nos deixarmos capturar pelas formas prontas para vestir, formas dominantes, homogêneas serializadas, reproduzíveis”.

O desfile que mais a marcou, entretanto, não foi nenhum desses. Isso aconteceu quando estreou um novo estilo na avenida Vieira Souto, numa noite de dia útil. Estava começando na moda, em 1970, quando abriu o armário e se deparou com um breu. “Eu só tinha roupa preta! Eu gosto, até hoje uso muito preto. Mas só preto não dava”. Elke então pôs uma cor no visual. “Peguei uma calça e rasguei toda, botei uma meia roxa, enchi a cara de batom, desgrenhei o cabelo e fui encontrar uns amigos. No caminho, enquanto andava pela orla, um grupo de seis homens começou a chamá-la. “Perguntaram: ‘Tá vestida de palhaço por quê, loirinha?’”. Eu mandei tomar no cu”. Um dos homens correu atrás dela e lhe deu um soco na cara. “Saiu tanto sangue. Peguei o sangue e passei no cara que me deu porrada (FELITTI, 2021, p. 46).

Em uma entrevista para o jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2016, Elke disse a seguinte frase: “Algumas pessoas acham que eu me fantasio”. E eu digo que não. Eu sou assim! Fantasia é quando você veste algo que você não é”.

Tendo como ponto de partida a relevância que a noção de influência pode gerar e, portanto, a capacidade de ser influenciadora das grandes massas, cabe observar que os padrões existentes socialmente de certa forma, anulam manifestações individuais. Elke parecia ter consciência dessa realidade e a partir disso construiu sua própria realidade enquanto pessoa e artista.

Entre o conceito de moda e cultura, algumas reflexões suscitadas por Malcolm Barnard (2003, p. 63) nos auxiliam com a reflexão sobre a importância da moda e da indumentária como “algumas das maneiras pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida. Através da moda e da indumentária nos constituímos como seres sociais e culturais”

Contribuindo com o pensamento acerca das interrelações entre utopia, ideologia, posicionamento político, universo feminino e a moda, Lia Faria (1997, p. 155) nos lembra que “a geração feminina constrói sua identidade contingencial de época baseada no trabalho e no

dever e se torna uma geração-cabeça ligada ao ativismo político mais do que ao corpo”. Para ela, “a mulher cabeça dos anos 60 troca o antigo papel de Amélia, que achava bonito não ter o que comer, pelo de supermulher”.

Fruto de uma sociedade em transição e marcada pela revolução feminina, Elke não só criou seu próprio estilo e ditou moda como levantou bandeiras que nem mesmo ela reconhecia, apesar de sempre ter renegado sua relevância política. Costumeiramente se relacionava com a comunidade gay das décadas de 1960 e 1970 – o que de certa forma se estendeu até seus últimos dias de vida.

A potência no ato estético e político de se vestir da Elke residia no seu projeto de liberdade acima de tudo; esse muito provavelmente seja o passaporte para compreendermos a artista e o legado dela em relação ao ato de pôr peças de roupas sobre seu corpo e como essas peças adquiriam simbologias.

Em 2007, o artista plástico Cézar Altai, mais conhecido como Sasha, seu marido na época, relatou o seguinte trecho para o documentário *ELKE MARAVILHA*. Direção de Júlia Rezende. Produção: Batoque Filmes. Roteiro: Julia Rezende e Maria Rezende. Rio de Janeiro, 2007: “A Elke tem um papel público político muito forte, ela não tem consciência disso e ela não pratica isso num palanque, ela faz isso no cotidiano dela. Ela se maquia de guerra, uma guerra de amor e briga”. Onze anos mais tarde, Sasha em uma entrevista concedida no dia 15 de janeiro de 2021 para esta monografia denota que, segue concordando com o que foi dito no passado e acrescenta que:

Palanques servem para fazer jogo de cena e a política reflete o que somos, as pessoas tratam políticos como deuses com pés de barro que recebem poder, como podemos ver agora com essa lambança que está acontecendo no Brasil. Elke tinha uma pujaça de legitimidade, sem querer agradar seu público. Essa dimensão política em seu figurino era ocasional e não premeditada (ALTAI, 2021).

Assessor e amigo pessoal de Elke, o produtor e ator Maurílio Domiciano em uma entrevista concedida para esta monografia ocorrida no dia 28 de dezembro de 2020 relata que:

Com certeza Elke era uma pessoa muito ligada à política. Uma vez, ela foi até Brasília e se chocou, mas não deixou de colocar o dedo na cara dos políticos. Ela era política e fazia política, e esteticamente na mídia, mostrava pensamentos coesos com a realidade. Elke usava batas retas para dizer que a política era quadrada. Além dessa dimensão política, ela era contra a moda no Brasil, que segue padrões de outros países,

ela buscava o simples dentro de seu estilo e sua moda servia para enfiar uma agulha na política. (DOMICIANO, 2020).

Quando perguntada sobre a motivação por trás de seu estilo, Elke se questionava: “Eu não sei cantar, não sei compor, eu não sei escrever, eu sou muito limitada, então por que eu não posso fazer de mim uma obra de arte?” Altai, ou simplesmente Sasha, por sua vez, via as experiências vividas por Elke como o principal indicador de seu estilo, “Ela presenciou várias culturas e tinha mais repertório que as outras pessoas, seu estilo era de sua natureza e fazia parte de suas referências, ela fugia do ambiente coletivo no geral e trazia referências da cultura mongol, indiana e artistas plásticos, ela era uma performática inevitável, um arquétipo profundo”.

Já Maurílio Domiciano, afirma que, “Sua transição ocorreu a partir de sua amizade com Zuzu Angel e por ser madrinha do movimento *LGBT*, buscando, assim, uma moda mais útil, em que temos que ser sempre mais, ainda mais por ser amiga de alguns intelectuais da moda, ela gostava de assustar as pessoas através da moda e a usava com maestria para construir sua própria moda. Há 15 anos ela desenvolveu melhor seu estilo e, para ela, era carnaval todos os dias e ela nunca repetia o mesmo *look*, variava sempre seus acessórios e sempre havia brilho, pedras e simpatia”.

Figura 17. Elke Maravilha no programa do Chacrinha, na Rede Bandeirantes na década de 1970
(Arnaldo Silva)

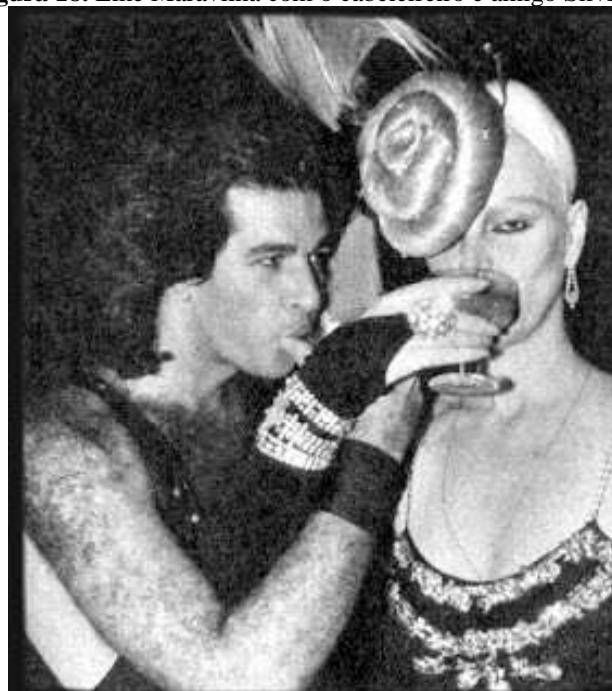


Fonte: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/apatrida-e-oito-maridos-os-bastidores-da-vida-de-elke-maravilha/>>, acesso em 28 de janeiro de 2022.

Lida por si mesma como uma obra de arte, Elke permeia naquilo que é defendido por Rosane Preciosa (2005, p. 32) em seu livro *Produção Estética*, no momento em que a autora afirma que “não somos feitos de uma matéria fixa, imutável, somos produto dos encontros, das conexões que nos permitimos fazer ao longo de nossa existência”. A autora frisa também que “Construir uma vida como obra de arte não significa aspirar. É compartilhar com a vida sua provisão de despadronizações, suas alterações, seu estojo de surpresas. Afinar-se com seu fluxo criador” (PRECIOSA, 2005, p. 53).

Ao analisarmos a imagem acima (Figura 17), diversas características presentes no figurino de Elke chamam atenção. Mesmo em um período regido pela opressão a artista, no auge da década de 1970, trazia consigo elementos o tanto quanto intrigantes, tais como um vestido levemente transparente com texturas aparentemente macias, maquiagem marcada na região dos olhos e da boca, sobrancelhas quase que imperceptíveis e um grande acessório de cabeça.

Figura 18. Elke Maravilha com o cabeleireiro e amigo Silvinho



Fonte: Disponível em: <<http://astrosemrevista.blogspot.com/2016/>> acesso em 02 de fevereiro de 2022.

Na imagem acima (Figura 18), Elke e Silvinho, que além de ter sido um de seus grandes amigos, ficou conhecido por ter sido um dos principais responsáveis por conceber os diversos adereços de cabeça e penteados da artista durante o início de sua “transição de estilo”. Essa fotografia foi registrada durante um evento e enquanto Silvinho aparece trajando uma regata simples, Elke expõe um figurino com alças finas, detalhes em pedras na parte frontal, luvas

escuras com acessórios grandes e brilhantes, olhos e rosto marcados e um enorme acessório de cabeça tampando um de seus olhos, feito, aparentemente, de cabelo sintético.

Elke não se vestiu de moda, ela criou moda e a utilizou como mais uma de suas “brincadeiras” como aponta Felitti ao afirmar na biografia sobre a artista que: “Elke criou um estilo que influenciou gerações de estilistas e de cabeleireiros brasileiros. ‘Ela tinha uma estética de *drag queen*’, diz a editora de moda Erika Palomino. Muito do que se viu nas passarelas nos anos 1990 e 2000 foi claramente influenciado pela estética de Elke” (FELITTI, 2021, p. 96).

Figura 19. Elke Maravilha pelas lentes do fotógrafo David Zingg



Fonte: Disponível em: <<http://astrosemrevista.blogspot.com/2016/>> acesso em 02 de fevereiro de 2022.

Na Figura 19, vemos Elke no auge de sua juventude, aparentemente despida e “coberta” somente por uma longa peruca colorida. Além disso, é possível notar também a ausência de uma de suas marcas registradas, a maquiagem. Quando nos deparamos com essa imagem a existência de uma dimensão política no estilo de Elke talvez soe como um questionamento, mas há algo mais político do que ser reconhecida apenas como um ícone de moda e mesmo assim,

“abandonar” o ideário de beleza e utilizar o seu corpo e sua aparência de forma “grotesca” como uma ruptura do que consideramos belo?

Muitos pensam que as influenciadoras surgiram somente a partir da primeira década do século XXI com o avanço da internet e, em especial, das redes sociais, mas a grande verdade é que Elke já fazia isso antes mesmo de ser uma tendência, ela se vestia de resistência e por mais que o ciclo natural faça com que sigamos uma onda, o caminho contrário lhe pareceu muito mais divertido, ainda bem!

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns adjetivos poderiam naturalmente ser adicionados ao nome Elke. “Autoral”, “Ousada”, “Resistente”, “Única”, “Influenciadora”, “Brilhante”, “Multiracial” seriam alguns desses adjetivos. Mas “Maravilha” lhe caiu perfeitamente como uma luva, muito provavelmente pelo significado que o vocábulo “maravilha” carrega.

Elke (de)marcou seu tempo histórico não somente como uma artista, mas, sobretudo pela personalidade e identidade que ultrapassaram padrões e regras e ditaram seus olhares e maneiras de se ver o mundo, as belezas deste solo e como ela as externou com seus atos estéticos e políticos de se vestir.

Além de nos fazer pensar as fronteiras existentes entre figurino e moda, Elke foi um verdadeiro exemplo de que seres pensantes fazem política a todo momento, mesmo que não seja intencionalmente e que, de fato, isso está presente na forma como nos vestimos. O ato de se vestir, portanto, pode nos servir como uma das inúmeras ferramentas para as dinâmicas do cotidiano político dos indivíduos nas sociedades, até porque viver e vivenciar é pôr em prática a política no dia-a-dia.

Moda e Elke Maravilha são dois fenômenos que sempre andaram juntos, fosse nos grandes desfiles que marcaram época ou na forma como cada detalhe de seus figurinos contava uma história. A grande verdade é que seria impossível limitar a genialidade de Elke se baseando somente em sua aparência, mesmo que essa tenha sido seu principal cartão de visitas.

Essa monografia nasceu tendo como fio condutor a teoria de que a prisão de Elke durante a Ditadura Militar no Brasil poderia ter sido o principal fator que a levou a se vestir da forma que todos passaram a conhecer. Após a realização de entrevistas e conversas não documentadas, tal teoria caiu por terra. No entanto, foi possível constatar que esta coincidência se deu pelo fato de tal acontecido ter ocorrido em um período próximo a sua estreia nacional.

Analizar o figurino de Elke através de um recorte que abrange somente um curto período de sua trajetória soa como uma “escolha” injusta, de certa forma, já que sua importância se deu por todos os seus 71 anos de vida, mas, se pensarmos na opressão existente durante os 21 anos

de ditadura brasileira e na forma como sua vida foi marcada desde o início por regimes ditatoriais seria inegável dizer que suas roupas não eram, na verdade, sua coragem.

Talvez, suas singularidades não morassem somente em suas roupas ou em seu jeito extravagante de ser, mas sim, em sua mente brilhante e na dádiva presente em ser cidadã do mundo e, ainda sim, ser a única dona de si mesma.

Elke foi tudo, e, ao mesmo tempo, foi nada! Ela foi um fenômeno único, daqueles que só se vivencia uma vez. Infelizmente, sua presença já não se faz fisicamente, mas sua marca sempre será eterna, e que bom seria se todos pudessem conhecer a importância de se fazer Maravilha!

8. REFERÊNCIAS

Livros e artigos:

ANDRZEJEWSKI, Luciana Quintanilha. **Memória e moda:** novas relações, significados e modos de distinção no Rio de Janeiro de Pereira Passos. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação;** tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARRETO, Carol. “Moda: aspectos discursivos da aparência”. Paraná: **Revista Ideação**, n. 31. 2015. pp. 02, 04, 08 e 53.

BATTISTI, Francisleth. **Moda e figurino:** unilateralidade. Paraná: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Moda e Design, 2009.

BERGOUNIOUX, Pierre. **De volta aos anos 60 – Uma viagem pelo fim do ideal revolucionário.** São Paulo: Editora Alameda, 2005.

BORGES, Camila; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (Orgs). **A história na moda, a moda na história.** São Paulo: Alameda, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar.** São Paulo: Editora Moderna, 1994.

FARIA, Lia. **Ideologia e utopia nos anos 60:** um olhar feminino. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

FELITTI, Chico: **Elke:** mulher maravilha. São Paulo: Todavia, 2021.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda no século XX.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

PRECIOSA, Rosane. **Produção estética.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeixa. **Moda e revolução nos anos 1960.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

VALLI, Virgínia. **Eu, Zuzu Angel procuro meu filho.** Editora Philobiblion, 1986.

VENTURA, Zuenir. **1968:** o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Vídeos e sites:

ALMEIRA, Letícia. **Elke no país das maravilhas.** São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l-g7gq0ZrlY>>, acesso em 27 de setembro de 2018.

COLTRO, Pedro. **O Brasil ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo.** SBCP Blog, 2020. Disponível em: <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/blog/2020/02/13/lider-mundial/>>, acesso em 01 de fevereiro de 2022.

DE FRENTE COM GABI. **Gabi recebe Elke Maravilha - parte 1.** SBT, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HBShPTjdbp4>>, acesso em: 08 de setembro de 2018.

DE FRENTE COM GABI. **Gabi recebe Elke Maravilha – parte 2.** SBT, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-EyjqalXnxo>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

DREHMER, Raquel. **Um ano sem Elke Maravilha: Muito mais que uma mulher extravagante.** M de Mulher, 2017. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/elke-maravilha-muito-mais-que-uma-mulher-extravagante/>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

EM TORNO DE ZUZU. Encontro com Elke Maravilha e Hildegard Angel. Ocupação Zuzu. Itaú Cultural, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=obIavJws0M0>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

FORÚM, Revista. Hildegard recebe certidão de óbito de Stuart e Zuzu Angel, mortos pela ditadura. Instituto Zuzu Angel, 2019. Disponível em: <<https://www.zuzuangel.com.br/noticias/hildegard-recebe-certidao-de-obito-de-stuart-e-zuzu-angel-mortos-pela-ditadura>>, acesso em 01 de fevereiro de 2022.

GALINA, Décio. **Elke Maravilha, uma mulher sem máscaras.** Revista Trip, 2007. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-elke-maravilha-uma-mulher-sem-mascaras>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

GLOBO, Memória. **Buzina do Chacrinha – Programa de calouros dominical apresentado por Chacrinha de 1967 a 1972.** Globo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditório-e-variedades/buzina-do-chacrinha>>, acesso em 01 de fevereiro de 2022.

GNF FASHION COM LILIAN PACCE. **Elke Maravilha fala sobre seu estilo.** GNT, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t5TMBzKgBtg>>, acesso em 27 de setembro de 2018.

JANOV Pedro. **Show de calouros com Elke Maravilha – trecho.** 1994. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emW1VzgMM5w&t=81s>>, acesso em 27 de setembro de 2018.

LINS, Larissa. **Elke Maravilha: Vanguardista da moda às questões de gênero.** Diário de Pernambuco, 2016. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/08/17/internas_viver,660483/elke-maravilha-vanguardista-da-modas-questoes-de-genero.shtml>, acesso em 18 de outubro de 2018.

MAIA, Dulce. **Tortura durante a ditadura, relato de Dulce Maia.** PCB, 2012. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal2/2970/tortura-durante-a-ditadura-relato-de-dulce-maia/>>, acesso em 01 de fevereiro de 2022.

MÁQUINA, A. **Fabrício Carpinejar recebe Elke Maravilha.** Tv Gazeta, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VTiz7tmyOPI>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

PAIVA, Vitor. **Um viva à alegria e inteligência de Elke Maravilha e sua colorida liberdade.** Hypeness, 2016. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/08/um-viva-a-alegria-e-inteligencia-de-elke-maravilha-e-sua-colorida-liberdade/>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

PALMAR, Aluizio. **Elke Maravilha desafiou a ditadura militar.** Documentos Revelados, 2016. Disponível em: <<https://www.documentosrevelados.com.br/geral/elke-maravilha-desafiou-a-ditadura-militar-ao-denunciar-os-desaparecimentos-politicos/>>, acesso em 18 de outubro de 2018.

PROGRAMA AMAURY JÚNIOR. **Especial – Elke Maravilha.** Rede TV, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z9A20qFa-6A>>, acesso em 27 de setembro de 2018.

PROGRAMA TODO SEU. **Ronnie recebe a grande jurada de calouros Elke Maravilha.** TV Gazeta, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s7xDDCTPKhM>>. Acesso em 27 de setembro de 2018.

RAMOS, Carlos. **Elke Maravilha lembra do alerta que fez a Zuzu Angel.** O Fuxico, 2006. Disponível em: <<http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/elkemaravilha-lembra-do-alerta-que-fez-a-zuzu-angel/2006/07/19-37051.html>>, acesso em 18/10/2018.

REZENDE, Júlia. **Documentário Elke.** Batoque Filmes, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=926awDvoOU8>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

ROMANI, Giovana. “**Minha roupa é alma, é expressão”.** Dizia Elke Maravilha. Estadão, 2016. Disponível em: <<https://emais.estadao.com.br/noticias/moda-beleza,minha-roupa-e-alma-e-expressao-dizia-elke-maravilha,10000069803>>, acesso em 01 de fevereiro de 2022.

STTEGER, Luana. **Elke Virada Maravilha.** Intra 7 Filmes, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bZxe7qZ41zw>>, acesso em 08 de setembro de 2018.

Filmografia:

O BARÃO de Otelo no barato dos bilhões. Direção de Miguel Borges. Rio de Janeiro: Difilm, 1971.

O REI do baralho. Direção de Júlio Bressane. Rio de Janeiro: Júlio Bressane Produções Cinematográficas, 1974.

QUANDO o carnaval chegar. Direção de Carlos Diegues. Rio de Janeiro: Mapa Produções Cinematográficas Ltda, 1972.

XICA da Silva. Direção de João Felício dos Santos. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1976.

ZUZU Angel. Direção de Sérgio Rezende. São Paulo: Globo Films, 2006. Filme Zuzu Angel, Sérgio Rezende, 2006.